



**PROFHISTÓRIA**

MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

---

JULIANA PACHECO DE OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO QUILOMBO DA CA-  
VEIRA: OS DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DE UMA  
ESCOLA QUILOMBOLA.**

Universidade Federal Fluminense - UFF

Abril / 2024



**JULIANA PACHECO DE OLIVEIRA**

**EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO QUILOMBO DA CA-  
VEIRA: OS DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DE UMA ES-  
COLA QUILOMBOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistória) do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Ensino de História. Campo de Confluência: Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Martha Abreu Campos.

NITERÓI - RJ  
2024

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

D278e De Oliveira, JULIANA PACHECO  
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO QUILOMBO DA CAVEIRA: OS DESAFIOS DA  
CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA QUILOMBOLA / JULIANA PACHECO De  
Oliveira. - 2024.  
106 f.

Orientador: Martha Abreu Campos.  
Dissertação (mestrado profissional)-Universidade Federal  
Fluminense, Instituto de História, Niterói, 2024.

1. Quilombo da Caveira. 2. Educação Escolar Quilombola. 3.  
Educação Antirracista. 4. Website. 5. Produção  
intelectual. I. Abreu Campos, Martha, orientadora. II.  
Universidade Federal Fluminense. Instituto de História. III.  
Título.

CDD - XXX

**JULIANA PACHECO DE OLIVEIRA**

**EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO QUILOMBO DA CA-  
VEIRA: OS DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DE UMA ES-  
COLA QUILOMBOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistória) do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Ensino de História. Campo de Confluência: Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória.

Data de aprovação: 03 de abril de 2024.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Martha Abreu Campos - UFF (Orientador)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Keila Grinberg – UNIRIO (examinador interno)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela Yabeta - UFFS (examinador externo)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gessiane Ambrosio Nazario – Rede Municipal de Armação dos Búzios/  
CONAQ

NITERÓI - RJ  
2024

Carta a Dona Rosa Geralda da Silveira

13 de maio de 2023.

Estimada D. Rosa,

Hoje é 13 de maio, o dia que raiou a tão sonhada liberdade. Tenho certeza de que não foi do jeito que o povo negro sonhava e como foi dolorida essa conquista.

Escrevo essa carta para contar que a luta ainda continua e poucos foram os avanços nos últimos anos. Seu povo ainda espera a titulação de suas terras e aquela escola que a senhora sonhou está muito longe de atender às necessidades dos alunos.

Infelizmente, as crianças ainda não têm uma quadra poliesportiva para fazer as aulas de Educação física e nem professor(a) eles têm. O parquinho precário que existia, nem aquele há mais. Quando podem, brincam soltas pela escola, se não forem atacadas pelo quero-quero.

A associação que a senhora ajudou a fundar cobra da Secretaria de Educação uma escola digna para as crianças e até o Ministério Público foi acionado. Mas, querida D. Rosa, está difícil. O poder público ignora as demandas dessa gente resistente que tanto lutou para sobreviver.

Tenho certeza de que, se a senhora estivesse viva, estaria lutando por essas crianças do mesmo jeito que lutou contra os invasores que tentaram expulsar seu povo das terras. Desejo que a sua história e a memória de suas lutas preservadas pela comunidade deem força para que eles continuem lutando.

A comunidade escolar segue fazendo o que pode e supera muitos obstáculos por dia. Estamos tentando construir uma escola que fortaleça o sentimento de pertencimento e a autoestima da criançada para que os jovens de amanhã possam ser ouvidos e tenham seus direitos respeitados.

De sua admiradora,  
Juliana Pacheco.

## AGRADECIMENTOS

Minha história é composta principalmente por mulheres fortes e marcantes e é por elas que inicio meus agradecimentos. Dedico este trabalho a minha mãe Suely Pacheco (*in memoriam*), tia Suely Abreu (*in memoriam*) e minha madrinha Eunice Pacheco (*in memoriam*). Sou um pouco de cada uma delas e me orgulho disso. Também não poderia deixar de agradecer a Aurora Abreu, que sempre esteve ao meu lado e me apoiou sempre.

Agradeço a minha filha Julia, que é meu combustível diário na luta por um mundo melhor, e ao meu companheiro de 20 anos, Rodolfo, que me deu o suporte para que eu realizasse esse sonho. Ele suportou a ausência, cuidou de nossa filha com extrema dedicação e me esperou todas as noites em que eu chegava tarde de Niterói. Sem ele eu não teria conseguido.

Ao Profhistória, pela oportunidade de professores como eu terem um espaço para voltar à Academia e desenvolverem suas pesquisas, tão importantes para o Ensino de História.

Aos professores e professoras do Profhistória, pelo respeito que sempre demonstraram pelas nossas trajetórias e a escuta sensível de seres humanos ímpares que tornaram esse desafio mais leve, sem a arrogância academicista que desconsidera a experiência de sala de aula. Vocês nos proporcionaram um espaço acolhedor de muitas reflexões para a profissão e para a vida.

Aos colegas de turma do Profhistória, que compartilharam comigo angústias e momentos de muita risada. Aprendi muito com nossos debates durante as aulas e pude admirar cada pesquisa maravilhosa desenvolvida. Em especial, quero agradecer a Ronilson e Silvia, amigos queridos que me ajudaram nessa jornada e cuja companhia me ajudou a superar o cansaço da exaustiva carga horária de cursar o mestrado e trabalhar.

A todos os meus alunos que deixaram suas marcas ao longo desses 16 anos de magistério e me transformaram na educadora que hoje eu sou. Cada um que passou me transformou.

À professora de História Sílvia Rohem, que divide comigo a coordenação de Educação Escolar Quilombola e Antirracista da rede municipal de São Pedro da Aldeia. A nossa parceria fortaleceu, sem dúvida, essa pesquisa. Juntas superamos hostilidades e conquistamos nosso espaço em prol de uma causa.

À minha orientadora Martha Abreu, um exemplo de pesquisadora e ser humano. Ela me estimulou nos momentos de tristeza, sempre com uma palavra positiva e um sorriso generoso. Conhecê-la foi, sem dúvida, um dos maiores presentes que esse trabalho me proporcionou.

Por último, meu agradecimento aos professores, aos não-docentes, à equipe de suporte pedagógico e à direção da E.M. Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira. Vocês fazem diferença na Educação e eu os admiro profundamente. Também agradeço aos quilombolas da Caveira que me receberam e apoiaram a pesquisa, entendendo que meu objetivo é contribuir para a construção da Educação Escolar Quilombola na escola. Agradeço imensamente ao Sr. João dos Santos e sua família, a Jaqueline Emília e Jandir dos Santos, pessoas que sempre estiveram dispostas a contribuir.

Por fim, agradeço a todos e todas que de alguma forma perpassaram esse trabalho, que não é meu, mas de toda uma coletividade.

*A luta rural  
nunca se encerra  
com a Terra sem o homem  
com o homem sem Terra  
nós vamos à luta  
com esse refrão  
queremos a Terra  
para os nossos irmãos.*

Dona Rosa Geralda da Silveira



## RESUMO

A Escola Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira em São Pedro da Aldeia, Rio de Janeiro, é uma conquista da comunidade da Caveira e o seu nome homenageia Dona Rosa, grande liderança local, produtora de farinha, poetisa e sindicalista. Diante do contexto de luta e resistência do quilombo e da preocupação da comunidade com a preservação de suas histórias, fiz o seguinte questionamento: “De que forma as narrativas sobre a comunidade poderiam ser inseridas no currículo escolar e dar mais significado à aprendizagem dos alunos?” A partir da minha experiência na escola, percebi a necessidade da construção de um material pedagógico para a unidade escolar e de um acervo público para a comunidade com o objetivo de oferecer visibilidade, conhecimento e divulgação sobre o protagonismo negro e quilombola da Caveira. Esse material está disponibilizado no web site [www.quilombocaveira.com](http://www.quilombocaveira.com) como forma de aliar e articular as narrativas orais dos anciãos da comunidade da Caveira com a sala de aula e a escola. Esse trabalho também tem como objetivo que os alunos da escola conheçam e tenham acesso à história local e à história do Brasil a partir das pessoas que a construíram como ferramenta de uma Educação Antirracista.

**Palavras-chaves:** Educação Escolar Quilombola. Educação Antirracista. Quilombo da Caveira. Web Site.

## ABSTRACT

The Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira Municipal School in São Pedro da Aldeia, Rio de Janeiro, is an achievement of the Caveira community and its name pays homage to Dona Rosa, a great local leader, flour producer, poet, and trade unionist. Given the context of the struggle and resistance of the quilombo and the community's concern with preserving their stories, I asked the following question: "How could narratives about the community be inserted into the school curriculum and give more meaning to the community student learning?" From my experience at school, I realized the need to build pedagogical material for the school unit and a public collection for the community to offer visibility, knowledge, and dissemination about the black and quilombola protagonism of Caveira. This material is available on the website [www.quilombocaveira.com](http://www.quilombocaveira.com) as a way of combining and articulating the oral narratives of the elders of the Caveira community with the classroom and school. This work also aims to ensure that school students know and have access to local history and the history of Brazil from the people who built it as a tool for Anti-Racist Education.

**Keywords:** Quilombola School Education. Anti-Racist Education. Quilombo da Caveira. Web site.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Reunião com a Associação de Remanescentes de Botafogo-Caveira no dia 22 de maio de 2022.....	42
<b>Figura 2</b> - Pesquisa de Campo na casa do Sr. Genil Silveira Dutra e Dona Maria dos Santos no dia 25 de junho de 2022. ....	43
<b>Figura 3</b> - Professoras criando as habilidades quilombolas.....	48
<b>Figura 4</b> - Trabalho mediado pela professora de Artes, Roseli Beloti, sobre a lenda da Vaca que colocava leite em pó. Trabalho apresentado no PPI de 27 de agosto de 2022, na Escola Quilombola.....	51
<b>Figura 5</b> - A professora Roseli Beloti interpretando a vaca que colocava leite em pó em atividade com os alunos (as) e responsáveis no PPI de 27 de agosto de 2022, na Escola Quilombola. ....	51
<b>Figura 6</b> - Reunião com os responsáveis sobre o currículo quilombola diferenciado realizada no dia 27 de agosto de 2022. ....	55
<b>Figura 7</b> - Segundo dia do I Seminário de Educação Escolar Quilombola, na E. Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira, no dia 19 de março de 2022. ....	59
<b>Figura 8</b> - Roda de Conversa com pesquisadores, comunidade da Caveira, representantes de outras comunidades quilombolas e funcionários da escola, no Segundo dia do I Seminário de Educação Escolar Quilombola, na E. M. Q. Dona Rosa Geralda da Silveira. ....	59
<b>Figura 9</b> - Foto tirada no segundo dia I Seminário de Educação Escolar Quilombola, na E. Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira, no dia 19 de março de 2022. ....	60
<b>Figura 10</b> - Homenagem aos anciãos na roda de conversa na Festa da Consciência Negra - Novembro de 2022. ....	61
<b>Figura 11</b> – Sr. João dos Santos (84 anos) na Festa da Consciência Negra da E.M.Q. Dona Rosa Geralda da Silveira, no dia 19 de novembro de 2022. ....	61
<b>Figura 12</b> - D. Maria Santos (89 anos) na Festa da Consciência Negra da E.M.Q. Dona Rosa Geralda da Silveira, no dia 19 de novembro de 2022.....	62
<b>Figura 13</b> - Calendário quilombola.....	63
<b>Figura 14</b> - Print de algumas palavras do alfabeto quilombola. ....	64

<b>Figura 15</b> - Homenagem às personalidades do Quilombo no Desfile Cívico do dia 16 de maio de 2023, em comemoração ao aniversário de São Pedro da Aldeia. ....	65
<b>Figura 16</b> - Pelotão de combate a expressões racistas, no Desfile Cívico do dia 16 de maio de 2023, em comemoração ao aniversário de São Pedro da Aldeia. ....	66
<b>Figura 17</b> - Pelotão de combate a expressões racistas, no Desfile Cívico do dia 16 de maio de 2023, em comemoração ao aniversário de São Pedro da Aldeia. ....	66
<b>Figura 18</b> - Maria, professora quilombola da família Santos. Ao seu lado, a aluna da escola homenageando a tia da professora, D. Maria, no Desfile Cívico do dia 16 de maio de 2023, em comemoração ao aniversário de São Pedro da Aldeia. ....	67
<b>Figura 19</b> - Alfabeto Quilombola criado pela Coordenação de Educação Escolar Quilombola, no Desfile Cívico do dia 16 de maio de 2023, em comemoração ao aniversário de São Pedro da Aldeia. ....	67
<b>Figura 20</b> - Desfile Cívico do dia 16 de maio de 2023, em comemoração ao aniversário de São Pedro da Aldeia. ....	68
<b>Figura 21</b> - Algumas ações realizadas na escola, no Desfile Cívico do dia 16 de maio de 2023, em comemoração ao aniversário de São Pedro da Aldeia. ....	68
<b>Figura 22</b> - Cia Cris Camargo e “Os Donos da Rua” no II Seminário de Educação Escolar Quilombola realizado no dia 12 de maio de 2023. Como foi a reação da comunidade? .....	71
<b>Figura 23</b> - II Seminário de Educação Escolar Quilombola, realizado no dia 12 de maio de 2023.....	71
<b>Figura 24</b> - Mesa Cidadania e Direitos com os jovens palestrantes quilombolas Wagner Muniz e Rafa Quilombola no II Seminário de Educação Escolar Quilombola, realizado no dia 12 de maio de 2023. ....	72
<b>Figura 25</b> - Várias gerações da família do Sr. Afonso na comemoração do Dia da Consciência Negra, em 28 de novembro de 2023. ....	73
<b>Figura 26</b> - Parte da família Santos na comemoração do Dia da Consciência Negra, em 28 de novembro de 2023.....	73
<b>Figura 27</b> - Várias gerações das famílias quilombolas representados segurando as fotos dos anciãos, na comemoração do Dia da Consciência Negra, em 28 de novembro de 2023. ....	74
<b>Figura 28</b> - Conversa com os responsáveis no sábado letivo correspondente ao Dia da Consciência Negra, no dia 18 de novembro de 2023. Tema: Por uma infância sem racismo. ....	75

<b>Figura 29</b> - Apresentação do vídeo sobre o Dia da Consciência Negra para os alunos, em novembro de 2021. ....	76
<b>Figura 30</b> - Jogos pedagógicos na Semana da Consciência Negra – novembro de 2021. ....	76
<b>Figura 31</b> - Roda de conversa realizada no dia 14 de julho de 2022.....	77
<b>Figura 32</b> - Roda de conversa no dia 20 de março de 2023.....	78
<b>Figura 33</b> - Print da página do website. ....	84
<b>Figura 34</b> - Print da página do website. ....	85
<b>Figura 35</b> - Gravação do documentário Rosa do Quilombo, na casa de Nanci Geralda, no dia 21 de maio de 2022. ....	86
<b>Figura 36</b> - Estreia do documentário Rosa do Quilombo para a comunidade da Caveira, no es-paço de eventos de William dos Santos, no dia 12 de agosto de 2022. ....	86
<b>Figura 37</b> - Biografias do site.....	89
<b>Figura 38</b> - Biografias do site.....	90
<b>Figura 39</b> - Biografias do site.....	91
<b>Figura 40</b> - Print da prova aplicada no 3º trimestre de 2023 na E.M.Q. Dona Rosa Geralda da Silveira.....	94
<b>Figura 41</b> - Print da prova de recuperação aplicada no 3º trimestre de 2023 na E.M.Q. Dona Rosa Geralda da Silveira.....	95
<b>Figura 42</b> - Print da cruzadinha elaborada pela professora Gisele Dutra utilizando o texto acima que está disponibilizado no site, dentro da subseção atividades. ....	96
<b>Figura 43</b> - Pesquisa de campo com gravação de vídeo, na casa do Sr João dos Santos, no dia 09 de novembro de 2023.....	97
<b>Figura 44</b> - Print da seção links. ....	98
<b>Figura 45</b> - Subseção do I Curso de Formação de professoras e professores quilombolas. ....	98

## **LISTA DE SIGLAS**

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAE – Conselho de Alimentação escolar

CGPCT - Cadernos Gestão Pública e Cidadania

CONAQ – Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas

CONEEQ - a Comissão Nacional de Educação Escolar Quilombola

DCNS – Diretrizes Curriculares Nacionais

EEQ – Educação Escolar Quilombola

EMQDRG – Escola Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda

FERLAGOS – Fundação Educacional da Região dos Lagos

IFCS – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LGBTQIAPN+ - Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexo, assexual, pansexual, não-binário

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário

MEC – Ministério da Educação

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

MS – Mato Grosso do Sul

NEAD – Núcleo de Educação a Distância

PCNS – Parâmetro Curriculares Nacionais

PPP – Projeto Político Pedagógico

PSL – Partido Social Liberal

PT – Partido dos trabalhadores

RTID – Relatório Técnico de Identificação e Delimitação

SECADI - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

SOMUNEAR – Associação de mulheres negras e Afrodescendentes da Rasa

TDICS - Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação

TED – Technology, Entertainment, Design.

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UNB – Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>1. O QUILOMBO DA CAVEIRA E A ESCOLA QUILOMBOLA .....</b>	<b>26</b>
1.1. CIDADANIA E DIREITOS: MOVIMENTOS SOCIAIS E OS AVANÇOS NA LEGISLAÇÃO DO ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS .....	33
<b>2. OS DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA NA ESCOLA MUNICIPAL QUILOMBOLA DONA ROSA GERALDA DA SILVEIRA.....</b>	<b>41</b>
2.2. NÃO EXISTE EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA SEM A COMUNIDADE.....	57
<b>3. QUILOMBO DA CAVEIRA ESTÁ ON: MATERIAL PEDAGÓGICO E ACERVO PÚBLICO DISPONÍVEIS NO WEBSITE.....</b>	<b>80</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>99</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>102</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>103</b>



## INTRODUÇÃO

A minha jornada como professora de História foi permeada pela minha própria trajetória como aluna e pela certeza de que a escola tem uma função social importante que vai além da aquisição de conteúdo. Foi assim que escolhi o magistério e, conforme ia me tornando professora, percebia que a minha prática me conduzia à busca por uma educação antirracista.

Concluí a graduação em História no ano de 2006, na Universidade Veiga de Almeida, e no ano seguinte comecei a lecionar a disciplina para alunos do 6º ao 9º ano na Escola Municipal Darcy Ribeiro, no município de Armação dos Búzios.

Em 2008, tive minha primeira experiência com comunidades quilombolas ao assumir a disciplina de Cultura Afro-Brasileira na Escola Municipal João José de Carvalho, localizada na comunidade quilombola da Rasa. Era meu segundo ano como docente e havia recém terminado uma Pós-Graduação em História e Cultura Afro-Brasileira na Fundação Educacional da Região dos Lagos (Ferlagos).

Essa experiência foi determinante na minha jornada como educadora, porque através desse trabalho tive contato com a Associação de Mulheres Negras e Afrodescendentes da Rasa (SOMUNEAR) e lideranças quilombolas como Dona Uia, passando a desenvolver vários projetos com a participação da comunidade.

Na época, ainda não haviam sido homologadas as Diretrizes Curriculares da Educação Escolar Quilombola na Educação Básica/2012 e eu não tinha conhecimento algum sobre debates acerca dessa Educação. Dessa forma, buscava cumprir as determinações da Lei 10.639/2003 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana/2004. Não havia na Rede Municipal de Ensino uma matriz curricular para a disciplina e ficava sob minha responsabilidade a seleção dos conteúdos e materiais utilizados.

Nos anos seguintes, trabalhei em outras escolas de municípios diferentes, tendo lecionado também na rede privada de Araruama por 8 anos. Ao longo da minha trajetória como docente, busquei sempre articular a cultura afro-brasileira e o combate ao racismo em minhas aulas e desenvolver projetos pedagógicos interdisciplinares, mas o meu entendimento de que a prática estava longe de realmente atacar o pro-

blema veio após a leitura de vários autores (as) negros (as). Estava certa de que precisava de um momento de autoavaliação para que pudesse buscar de fato a Educação Antirracista que almejava. Esses 16 anos de magistério foram um caminho de aprendizado até que eu chegasse no ProfHistória, no início de 2022.

No final de 2019, ouvi nos noticiários sobre os casos de pessoas infectadas pelo novo coronavírus na China. Na ocasião, essas informações passaram despercebidas, já que estava em pleno fechamento de ano letivo, envolvida com as avaliações e burocracias exigidas para o Conselho de Classe final. Ainda no final deste ano, a Organização Mundial da Saúde nomeou oficialmente a nova doença como Covid-19.

Em fevereiro de 2020, o primeiro caso foi notificado no Brasil e, de repente, pipocaram notícias de mais pessoas infectadas e a doença se alastrando pelo mundo. No início, não tive uma noção exata do que poderia acontecer nos meses seguintes, afinal, eu nunca havia presenciado uma epidemia em escala global na vida.

Lembro-me do dia 13 de março, uma sexta-feira, quando fui buscar minha filha Julia na escola e recebi a notícia que as aulas estariam suspensas a partir de segunda-feira. Foi um choque de realidade e o início de dias muito difíceis.

Na época eu lecionava no Colégio Estadual Antônio Francisco Leal, em Tanguá, há 11 anos e na Escola Municipal Dulcinda Jotta Mendes, em São Pedro da Aldeia, desde 2017. O ano de 2020 havia começado cheio de expectativas: no Colégio Estadual já havia iniciado os preparativos para o projeto “Conscientizar é Preciso”, que eu coordenava, e na Escola Municipal auxiliava os alunos da direção do *Grêmio Estudantil Professor Átilas Melo*, que havia sido fundado recentemente. No ano anterior, além da fundação do Grêmio, tínhamos desenvolvido um Projeto chamado “Um só amor, um só coração”<sup>1</sup>, no qual abordamos as trajetórias de vida de diversas personalidades negras como Marielle Franco, Desmond Tutu, Nelson Mandela, Cartola, Martin Luther King, entre outros.

Diante de tantas expectativas para o ano letivo, a quarentena foi uma realidade terrível e o ensino remoto atravessou minha vida, tornando-se uma realidade mundial. A adaptação a este novo momento foi muito difícil e eu me vi mergulhada em mais burocracias, planilhas, relatórios e uma série de atividades para produzir.

Na rede Municipal de São Pedro da Aldeia, temos reunião mensal de coordenação de área que faz parte da nossa carga horária. Essas reuniões, durante os anos

---

<sup>1</sup> Em referência à música *One Love*, do cantor Jamaicano Bob Marley.

de 2020 e 2021, passaram a ser remotas por causa da pandemia e nela discutimos o Ensino de História à luz da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e produzimos as atividades de História que seriam disponibilizadas na Plataforma Educacional da Rede Municipal de Ensino de São Pedro da Aldeia. Esses encontros foram enriquecedores e eu desenvolvi muitas atividades sobre os povos indígenas, sobre os negros no pós-abolição e o racismo estrutural presente em nossa sociedade. Eram atividades contextualizadas, buscando uma perspectiva de Educação Antirracista.

Em uma tarde de julho de 2021, recebi o telefonema do Coordenador de História da Rede Municipal de São Pedro da Aldeia da época, dizendo que eu havia sido selecionada com mais dois professores de História efetivos do município para concorrer à vaga de Coordenadora de Educação Escolar Quilombola. Ele atribuiu essa indicação ao meu perfil e às atividades que eu desenvolvia na escola sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Antirracismo.

Apesar de não ter pretensão de me envolver nesta tarefa, me vi atraída por um desafio novo. No dia seguinte, compareci para a entrevista e, no dia 11 de agosto, assumi a Coordenação junto com a professora de História Sílvia Rohem. Nossa principal tarefa seria a Construção de um currículo diferenciado e a Formação Continuada dos professores da Escola Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira, no quilombo da Caveira, em São Pedro da Aldeia, que atende crianças quilombolas e não quilombolas da Creche ao 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais.

A Coordenação de Educação Escolar Quilombola havia sido criada em 2019 e, à época, era coordenada pelos professores Ricardo Coitinho e Carmensita Faria. Durante todo esse ano, ocorreram formações com a participação dos pesquisadores Antônio Jorge Gonçalves Soares (UFRJ), Kalya Maroun (UFRJ), David Gonçalves Soares (UFF), Gessiane Nazario<sup>2</sup> e Sidnei Peres (UFF).

A construção da Escola Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira<sup>3</sup>, inaugurada em 28 de maio de 2013, foi uma parceria entre o município e o governo

---

<sup>2</sup> Na época, a pesquisadora quilombola Gessiane Ambrósio Nazário Peres pesquisava na E.M. Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira. O resultado foi a tese de doutorado apresentada em 2020 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, intitulada “O desafio da mudança: Educação Quilombola e luta pela terra na comunidade quilombola Caveira do Rio de Janeiro”.

<sup>3</sup> A criação da Escola foi regularizada pelo decreto nº 56, de 20 de maio de 2013, assinado pelo Prefeito Cláudio Chumbinho.

federal, através do programa Brasil Quilombola<sup>4</sup>, mas é resultado da luta de homens e mulheres do Quilombo. Foi a primeira escola quilombola inaugurada no Rio de Janeiro e o seu nome homenageia Dona Rosa Geralda, grande liderança local, produtora de farinha, poetisa e sindicalista. Para os quilombolas da Caveira isso foi uma grande conquista, já que agora possuem uma escola dentro de seu território.

Dona Rosa é extremamente relevante para a luta dos quilombolas da Região dos Lagos, uma região composta por tantas comunidades reconhecidas, como Baía Formosa e Rasa, em Armação dos Búzios. Já em Cabo Frio, temos os quilombos de Botafogo, Maria Joaquina, Preto Forro<sup>5</sup>, Fazenda Espírito Santo, Maria Romana e São Jacinto. Em Araruama encontram-se Sobara e Prodígio.

Essa oportunidade foi um divisor de águas na minha vida, porque além da felicidade pelo reconhecimento do meu trabalho, resolvi que tentaria pela primeira vez a seleção do mestrado, que ocorreu em novembro do mesmo ano, com minha aprovação no ProfHistória pela Universidade Federal Fluminense. Concomitante à felicidade, muitos obstáculos se fizeram e fazem presentes, como o descaso do poder público de São Pedro da Aldeia com a escola quilombola e o racismo estrutural enraizado na comunidade escolar.

Devido à pandemia, a coordenação havia parado suas atividades e agora retornava comigo e com a professora Sílvia, resultado da pressão por parte da direção da escola e do Presidente da Associação de Remanescentes de Botafogo-Caveira, Sr. Roberto dos Santos, conhecido como Sr. Robertão. A criação da coordenação atendeu às reivindicações de agentes que passaram a exigir o cumprimento das legislações educacionais, em especial as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Quilombola.

As comunidades quilombolas de Botafogo e Caveira são vizinhas e compartilham de histórias semelhantes, nas quais ambas aguardam a titulação da terra. Em 1950, foi criada a Associação dos Lavradores de Botafogo e Caveira. Hoje, a associação se chama Associação dos Remanescentes de Quilombo Botafogo - Caveira.

---

<sup>4</sup> Era um conjunto de ações voltadas para a melhoria das condições de vida e ampliação do acesso a bens e serviços públicos das pessoas que vivem em comunidades quilombolas no Brasil e era coordenado pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Disponível em <<https://www.gov.br>> Acesso em 04 ago. de 2022.

<sup>5</sup> É a única comunidade quilombola da Região dos Lagos titulada. Sua titulação ocorreu em 17 de novembro de 2011.

Para não confundir o leitor, utilizarei durante o trabalho Associação dos Remanescentes da Caveira.

Ao chegar à escola fomos bem recebidas pela direção, no dia 17 de agosto de 2021, uma terça-feira. Conhecemos a sua estrutura, conversamos com a diretora sobre as demandas da escola e as perspectivas para o trabalho que iríamos realizar. Ouvimos relatos sobre a comunidade, problemas relacionados ao reconhecimento da identidade e a falta de conhecimento por parte dos alunos da história da comunidade.

Na época, não conseguimos ter muito contato com as professoras, porque as aulas estavam retornando lentamente na modalidade de ensino híbrido. Dessa forma, esse início foi muito mais voltado para pesquisa bibliográfica.

Destaco a primeira leitura que fiz sobre o Quilombo da Caveira, a tese da professora quilombola e doutora em Educação Gessiane Ambrosio Nazário Peres (2020), apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, intitulada “O desafio da mudança: Educação Quilombola e luta pela terra na comunidade quilombola Caveira do Rio de Janeiro”. O trabalho apresenta uma análise do processo de luta dos quilombolas, tanto por território como por uma escola dentro do quilombo. Também aborda a formação identitária da comunidade e como essas questões refletem na escola. Este trabalho apresenta uma série de entrevistas realizadas com os anciãos da Caveira.

Com a tese da professora Gessiane, pude conhecer mais a história do Quilombo e, a partir daí, busquei leituras para que eu pudesse compreender de fato o que seria a educação escolar quilombola. Mergulhei na pesquisa sobre o “Quilombo da Caveira”, sobre “Educação Escolar Quilombola” e nas “Legislações” que dariam base ao meu trabalho.

Outra leitura fundamental para o início do nosso trabalho foi o livro “Educação e luta política no quilombo de Conceição das crioulas”, da professora e doutora quilombola Givânia Maria da Silva, um importante trabalho sobre participação e protagonismo feminino na luta por uma educação que possa melhorar a vida da comunidade. A comunidade localizada no município de Salgueiro, em Pernambuco, é um exemplo de luta pelo acesso à educação, pela autonomia curricular e pelo direito à terra e que serviu de inspiração para as DCN’s da Educação escolar quilombola.

Em setembro de 2021, fizemos a primeira reunião com a Associação de Remanescentes do Quilombo da Caveira e nela estiveram presentes o Secretário de Educação da época, a Subsecretária de Educação, a Assessora Técnica da Semed, a Direção da Unidade Escolar, o Presidente e a Secretária da Associação de remanescentes Thainara dos Santos, e as coordenadoras de Educação Quilombola.

Debatemos assuntos importantes para a escola e ouvimos do Sr. Roberto dos Santos a sua preocupação que de fato a escola fosse quilombola. Ele citou a lei 10.639 e disse que era preciso colocar a Lei de Diretrizes da Educação Quilombola para funcionar. Além disso, reafirmou que muitos professores que vêm trabalhar na escola desconhecem a história do quilombo.

O presidente da Associação fez um breve histórico sobre a história da comunidade, ressaltando o papel de D. Rosa e os aspectos importantes que as crianças precisam conhecer. Falou sobre o sonho da comunidade em ter a escola por causa da dificuldade na locomoção para outras escolas e da luta para essa conquista.

A diretora da unidade escolar reforçou a necessidade da construção de um currículo que tivesse habilidades quilombolas, porque apenas estratégias não garantem o cumprimento dos assuntos. Também chamou atenção para a precariedade do transporte escolar que atende as crianças.

Esse momento de diálogo com a Associação foi importante para que entendêssemos seus anseios quanto ao ensino e, a partir daí, traçássemos a metodologia que usaríamos para atender suas expectativas.

Diante da preocupação com o desconhecimento da história dos quilombos por professores que atuam na escola, mas que não são quilombolas, sabíamos que seria fundamental investir na formação dos professores e professoras da escola.

O contato com a comunidade aconteceu de forma lenta e gradual. Eles desconfiam dos pesquisadores e relatam que muitos aparecem, utilizam sua história como fonte de pesquisa e desaparecem, sem retorno para o Quilombo.

As professoras falavam que desanimava o fato delas terem começado uma formação e elaboração de currículo em 2019 e tudo tivesse parado. Elas sentiam como se estivesse recomeçado algo que não daria em nada.

Além disso, tem o fato de estar como representantes da Semed na escola. Senti muitas vezes desconfiança da intencionalidade do meu trabalho, como se eu quisesse assumir a direção da escola, ou me aproveitar de alguma forma. Foi necessária muita paciência para provar o comprometimento com a causa.

Um fato que muito me emocionou foi que, após um ano de trabalho, durante um sábado letivo em que discutíamos o currículo, fui convidada pela professora Maria das Graças dos Santos para ir à casa dos seus pais, Sr. João dos Santos e D. Almerinda Eulália Conceição dos Santos. Não tenho como descrever a felicidade que senti. A partir daí tudo mudou. Ela passou a participar mais ativamente das reuniões e formações e o Sr. João dos Santos a nos auxiliar participando de eventos da escola.

Antes eu havia conseguido estabelecer contato com a irmã e cunhado do Sr. João dos Santos, Dona Maria dos Santos e Sr. Genil da Silveira Dutra. Eles moram no Quilombo Botafogo, na parte que pertence a Cabo Frio. Meu acesso a ele se deu através da professora e militante Jaqueline Emília Pereira Teixeira, que conheci no / *Seminário de Educação Escolar Quilombola*, que realizamos em março de 2022.

Logo de início eu havia pedido ao presidente da Associação que me auxiliasse nesse contato, mas o mesmo disse que bastava falar com ele, que ele sabia tudo. Porém, eu desejava ouvir outras vozes e conhecer essas pessoas tão importantes para a história local e foi emocionante ouvi-las.

Também pude conhecer outros anciãos, mas com esses tive pouco contato. Visitei certa vez o Sr. Afonso e D. Jovelina para convidá-los para participar do // *Seminário de Educação Escolar Quilombola*, que foi realizado em maio de 2023.

Diante do novo desafio como coordenadora de Educação Escolar Quilombola, vi na possibilidade de ser aluna do ProfHistória uma grande oportunidade de buscar ferramentas teóricas que me auxiliassem nessa tarefa e de fato foi fundamental. Assim, o produto pensado para o mestrado está diretamente ligado à experiência e às reflexões teóricas realizadas nas aulas, principalmente as relacionadas ao currículo, feitas na disciplina de História do “Ensino de História”, com os professores Everardo Andrade e Patrícia Teixeira.

Não obstante, outra disciplina de grande impacto no trabalho que fazemos na escola quilombola foi a de “História Pública”, ministrada pela professora Lívia Monteiro, que oportunizou reflexões sobre as contribuições e potencialidades da história pública, a educação histórica e suas relações com o tempo presente e questões extremamente pertinentes à pesquisa em andamento.

A partir da minha pesquisa bibliográfica sobre Educação Quilombola, a preocupação da Comunidade Escolar com a preservação de suas histórias, fiz o seguinte

questionamento: De que forma as narrativas sobre a comunidade poderiam ser inseridas no Currículo Escolar e dar mais significado à aprendizagem dos alunos?

Percebi de início que eram escassos os materiais sobre a comunidade na internet e, com o tempo, concluí que existiam dissertações, artigos e documentários que poderiam ser muito úteis. Daí a ideia do *website* como uma forma de facilitar o acesso a esses materiais.

Além de sistematizar e compilar fontes sobre o Quilombo da Caveira no site, produzi vários materiais que nasceram das conversas com as professoras que relatavam dificuldade em planejar aulas sobre determinados temas. Uma professora, certa vez, me procurou porque não sabia como poderia planejar uma aula sobre quilombos. Muitas têm insegurança sobre qual material utilizar. Dessa angústia da professora surgiu um dos textos que disponibilizei no site para uso em sala de aula.

Elaborar um material pedagógico, a meu ver, é oportunizar para os alunos e alunas o conhecimento da história local e a história do Brasil a partir das pessoas que a construíram. Essa seria uma ferramenta de Educação Antirracista, aliando e articulando as narrativas orais dos anciãos da comunidade da Caveira junto à sala de aula, como forma de contribuir para o aumento da autoestima dos alunos e apoderamento de sua história.

O *Website*, além de servir como recurso pedagógico para professores (as) na elaboração de suas aulas, também é um acervo público da e para a comunidade, com o objetivo de oferecer visibilidade ao protagonismo negro e quilombola da Caveira. É reconhecer o direito de que elas tenham a sua história nos currículos, sobretudo nas escolas das comunidades às quais elas pertencem.

A construção de um material pedagógico justifica-se pela preocupação dos quilombolas com a preservação de sua luta, legado e educação de seus filhos e netos. Além de ser uma reparação histórica.

Apesar dos avanços do debate sobre o predomínio da História única na Educação, ainda vemos materiais e projetos nas escolas que naturalizam a marginalização da população negra, especialmente depois da abolição. A história do povo negro no Brasil muitas vezes ainda é sintetizada de uma forma homogeneizada, não sendo analisadas as especificidades dessa história, como se na época da abolição e no seu momento posterior, todos vivessem da mesma forma e tivessem tido o mesmo destino, marcado por marginalização e passividade.



Esse debate ganha cada vez mais alcance, tendo o Profhistória uma grande relevância ao trazer tantas pesquisas que visam justamente mostrar formas de romper com essa “versão única da história”, eurocêntrica, masculina e racista.

O currículo diferenciado é um instrumento de auxílio ao empoderamento dos alunos e à apropriação dos saberes da comunidade junto ao conhecimento escolar legitimado. É propiciar que nossos alunos se vejam representados, não apenas na visão de dominado, mas sim como protagonistas da história e sujeitos de direito.

No primeiro capítulo, abordo a história do Quilombo da Caveira, narrativas e conceitos, como também a luta de movimentos que contribuíram para o surgimento da Educação Escolar quilombola, como o movimento negro, o movimento indígena e o movimento “por uma educação básica do campo”. Aqui apresento reflexões sobre a aplicabilidade das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica na E.M. Dona Rosa Geralda da Silveira.

Já no segundo capítulo, “Os desafios da construção de uma Educação Escolar”, o foco foram as dificuldades encontradas na construção dessa Educação na E.M. Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira, que atenda as especificidades da comunidade e as experiências vividas na escola.

O terceiro capítulo, “Quilombo da Caveira está *on*”, descreve a construção do *web site*, que é o produto deste trabalho, cujo endereço de domínio é [www.quilombo-caveira.com](http://www.quilombo-caveira.com). Ele é direcionado aos professores(as) da escola, à comunidade quilombola da Caveira e ao público em geral, oferecendo ferramentas pedagógicas para o planejamento de suas aulas.

Esta dissertação é fruto da minha pesquisa na Escola Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira e na comunidade da Caveira, através de uma observação participante onde pude compreender a Educação Escolar Quilombola.

Ao longo dos anos de 2021 a 2023, trabalhei ao lado da professora Silvia Rohem e colhi registros escritos e orais, participei de reuniões pedagógicas, ministrei formação para os professores (as) na qual debatemos o currículo, organizei os seminários quilombolas que contaram com a presença da comunidade e participei de projetos na escola nos sábados letivos, nos quais dialoguei com os responsáveis. Considero extremamente relevante os momentos descontraídos na hora do cafezinho na cantina e os bate-papos do corredor que me fizeram ter contato com várias visões sobre a escola e a Educação quilombola.

Esses momentos foram fundamentais para a criação de uma metodologia de ensino quilombola e antirracista através do uso de biografias e saberes da comunidade. O resultado foi o site Quilombo da Caveira.

## 1. O QUILOMBO DA CAVEIRA E A ESCOLA QUILOMBOLA

O Quilombo da Caveira está localizado na área rural de São Pedro da Aldeia, no estado do Rio de Janeiro, mais especificamente na Região dos Lagos, onde existem alguns outros quilombos. Segundo o relatório de Identificação e conhecimento territorial da Comunidade Negra Rural de Caveira, “a comunidade descende de negros que já ocupavam essa área mesmo antes da abolição da escravidão, trabalhando na lavoura e na criação de pequenos animais”<sup>6</sup>.

Sua certificação como “remanescente das comunidades de quilombo” pela Fundação Cultural Palmares<sup>7</sup> ocorreu em 2004 e até hoje os quilombolas aguardam a titulação de suas terras. O processo histórico de formação desse quilombo se deu no contexto do Pós-abolição como tantos outros quilombos do Brasil e teve como período de maior conflito os anos de 1950 e 1970, época de intensas disputas pela terra.

De acordo com o Relatório, a comunidade foi considerada como “remanescente” das terras desapropriadas da fazenda Campos Novos nos anos 80. O documento salienta os ‘laços de sangue’ e a origem comum de seus membros e afirma que “a comunidade permanece como um grupo organizado, que constrói seus limites sociais através de uma autodescrição étnica determinada por sua origem comum e formação”.

Trata-se de uma comunidade ligada por laços de parentesco, baseada na descendência comum e em disposições sociais incorporadas a partir de uma experiência histórica de resistência às ameaças externas para garantir a posse de um território e as regras consensuais de sua ocupação (DIÁRIO OFICIAL, 1999, p. 64).

O reconhecimento da categoria “remanescente das comunidades de quilombo” ocorreu através do Artigo 68 das Disposições Transitórias, instituído na Constituição Cidadã de 1988. Através deste marco legal formal, os quilombolas passaram a ter o direito à propriedade definitiva das terras ocupadas.

---

<sup>6</sup> O Relatório de Identificação e Reconhecimento Territorial da Comunidade Negra Rural de Caveira e a delimitação das terras ocupadas pela mesma, no município de São Pedro da Aldeia, foi elaborado pelo Grupo Técnico firmado pelo Convênio nº 000/98, publicado no Diário oficial da União em 03 de Julho de 1998, entre a Fundação Cultural Palmares - MinC e o Instituto de Terras e Cartografia do Estado do Rio de Janeiro - ITERJ, que designaram os seguintes profissionais para os serviços técnicos especializados: Eliane Cantarino, O'Dwyer e José Paulo Freire de Carvalho. O Relatório foi publicado no Diário Oficial da União em 10 de março de 1999, Seção I, p. 63.

<sup>7</sup> O 4º do art. 3º do Decreto nº 4.887, de 20/11/2003, reserva à Fundação Cultural Palmares – FCP a competência pela emissão de certidão às comunidades quilombolas e sua inscrição em cadastro geral. Disponível em <<https://www.palmares.gov.br>> Acesso em 15 ago. 2022.

Outro fator importante foi a conquista do Decreto 4.887/03, que regulamentou o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, determinando que,

Art. 2º Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

§ 1º Para os fins deste Decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade.

§ 2º São terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural.

§ 3º Para a medição e demarcação das terras, serão levados em consideração critérios de territorialidade indicados pelos remanescentes das comunidades dos quilombos, sendo facultado à comunidade interessada apresentar as peças técnicas para a instrução procedimental. (Brasil, 2003)

A professora quilombola e doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) Givânia Maria da Silva, chama atenção para o fato de que, pela Constituição, os quilombos eram vistos como algo apenas do passado. Segundo ela, é exatamente o contrário, os quilombos “são grupos étnicos que vivem um presente, carregando as marcas de um passado da escravidão que lhes trouxe perdas e danos ainda não mensurados” (2016, p. 60-61).

A fazenda Campos Novos foi instalada no século XVII com o nome de Fazenda de Santo Ignácio dos Campos Novos e era administrada pelos padres jesuítas. Era um importante centro de abastecimento que, no início, utilizava mão de obra indígena, posteriormente o trabalho foi feito por mão de obra dos escravizados de origem africana. Com a expulsão dos jesuítas em 1759, a fazenda Campos Novos foi confiscada pelo governo português. No século XIX, deixou de ser patrimônio público, sendo reivindicada e disputada por vários supostos proprietários.

A escravidão no Brasil durou séculos e os primeiros traficados chegaram no começo do século XVI. A partir de 1807, a Grã-Bretanha proibiu o tráfico de escravizados e passou a combatê-lo internacionalmente. Atendendo às pressões inglesas, internacionais e internas, a atividade começou a ser restringida no Brasil com as leis de 1831 e 1850. Apesar disso, os desembarques continuaram por algum tempo, mesmo que na ilegalidade, até depois de 1850.

Neste contexto de clandestinidade, cresceu o desembarque de africanos no litoral norte fluminense do Rio de Janeiro após 1831, como aponta (Acioli, 2010, p. 9),

[...] a região da Bahía Formosa, como era conhecida no século XIX o trecho entre o Peró (Cabo Frio) e Rio das Ostras, foi um intenso ponto de comércio ilegal de africanos, com vários traficantes e seus consignatários, atuando nas diferentes praias, aproveitando as características da região, fossem as naturais, com praias isoladas e propícias aos desembarques, e pela presença de fazendas com cultivo de produtos tropicais.

Cabo Frio nesse período correspondia aos municípios de Araruama, Rio Bonito, Iguaba Grande, São Pedro da Aldeia, Armação dos Búzios, Cabo Frio, Rio das Ostras, Silva Jardim e outras localidades, e possuía várias fazendas que utilizavam trabalho de escravizados. A área da Caveira fazia parte da Fazenda Campos Novos e segundo os relatos que fazem parte da memória coletiva do Quilombo, a comunidade teria esse nome porque lá eram jogadas carcaças de gado morto e também os corpos dos escravizados.

No documentário Rosa do Quilombo<sup>8</sup>, o quilombola de 42 anos, Wallas da Silveira Santos, relata que,

Aqui que era a fazenda da Caveira... Aqui as ruínas da antiga fazenda da Caveira. As caravelas atracavam ali na praia Rasa, ficava um montante de escravo lá na Fazenda de Campos Novos e um montante era remanejado para cá. Os escravos quando chegavam já tinham levado um sapeca lá lá, já vinha um pouco debilitado, fazia esse trajeto andando de lá até a fazenda aqui, arrastando aquelas correntes, aquelas bolas, então, uns que aguentavam vinham e outros morriam pelo caminho, sejam velhos, sejam novos. E os outros escravos quando vinham passavam pelas aquelas ossadas e encontravam aquela caveira.

Mesmo após a abolição em 1888, os ex-escravizados continuaram morando nas fazendas e em troca ofereciam trabalho nas plantações dos fazendeiros. “Essa relação se manteve até 1924, quando chegou à região o empresário alemão Eugene Honold, que comprou algumas das fazendas de Campos Novos, incluindo a Fazenda Caveira” (Costa, 2016, p. 5). A relação aqui estabelecida era de troca de serviços prestados baseado no costume: em troca da terra para morar, os colonos pagavam um dia de trabalho.

---

<sup>8</sup> ROSA do Quilombo. Direção: Carolina Maduro. Rio de Janeiro: Maduro Conteúdo Criativo, 2022. Duração: 42 minutos. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=POv5dfRSDgE&t=521s>.

Após a morte de Eugene Honold, em 1950, a administração da fazenda passa para as mãos de seu neto Luiz Honold Reis, que não demonstrava interesse em cuidar do patrimônio. Ainda nesse mesmo ano, passa a administrar o complexo agrícola de Campos Novos um homem conhecido como Marquês. A partir daí as famílias que moravam na fazenda da Caveira passaram a sofrer perseguições e tentativas de expulsão e foi exigido que assinassem um contrato para permanecerem em suas próprias terras.

Os atos de violência contra os colonos eram muitos. Já desde a proibição de fazer pasto à proibição de conversarem e fumarem cachimbo, o que era um costume local. Os jagunços ameaçavam as pessoas e muitas famílias foram expulsas. Enquanto para o Marquês a terra tinha valor de capital, para os moradores ela significava seu sustento, vida e prazer, tendo um importante valor simbólico para eles.

Como aponta o depoimento do senhor Francisco Joaquim da Silveira no documentário *A Conquista*, “A importância da terra era o pessoal viver da terra, trabalhar na terra, manter seu sustento da terra, nada mais. Com isso nós tínhamos prazer em trabalhar”<sup>9</sup> (IPHAN-RJ, 2013).

Segundo Gessiane Nazário, que entrevistou anciãos da comunidade, em sua tese sobre educação quilombola e a luta pela terra na comunidade da Caveira,

Um fato culminante na história dos moradores da Caveira que mudou a forma como o trabalho estava configurado foi quando, na década de 1950, o Marquês queria impor regras mais duras e proibir os lavradores que fumassem o cachimbo e estabelecer horários até mesmo para urinar e beber água. Em ato de resistência, os mais velhos retiraram o cachimbo do bolso e começaram a fumar (Nazario, 2020, p. 110).

Os anciãos da Caveira relatam esses episódios de violência empreendidos contra a comunidade e a memória de resistência faz parte da identidade quilombola. Como afirma Nazário, “A tentativa de expulsão ocorreu através de várias estratégias como atear fogo nas roças, soltar bois nas roças e nos quintais das casas e jagunços andando nus nos quintais das famílias para intimidá-los” (2020, p. 9).

A luta sindical fortaleceu a organização dos lavradores através da criação da Associação de Lavradores de São Pedro da Aldeia, em 1951, e depois da criação em 1961 do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Cabo Frio e São Pedro da Aldeia. Como afirma o RTIDs,

---

<sup>9</sup> Depoimento do senhor Francisco Joaquim da Silveira no documentário *A Conquista*, 2013, IPHAN - RJ.

Com a Associação, eles buscaram ajuda legal e foram aconselhados por advogados a pagar pelo uso da terra mediante depósito judicial. Em contrapartida, o Marquês deveria apresentar documentos que comprovassem a titularidade das terras. Entretanto, o que ele queria mesmo era que a comunidade deixasse o local. Assim, o italiano continuou com as tentativas violentas de expulsão (Costa, 2016, p. 7).

A violência contra os moradores da Caveira implantada a partir de 1950 continuou após o golpe militar de 1964. Os supostos proprietários acusavam os trabalhadores rurais de comunistas e subversivos para legitimar as tentativas de expulsão das terras. Segundo Nazário,

Poucos dias depois de instaurada a ditadura militar a linguagem oficial para reprimir opositores já estava sendo usada por fazendeiros e administradores. Com o apoio da polícia militar dezenas de camponeses foram presos e torturados na delegacia de Cabo Frio e no Estádio de Caio Martins, em Niterói, onde ficaram detidos por um mês até o fim do inquérito que lhes foi imposto. Os policiais obrigaram as famílias a entregarem lavouras, animais de criação, ferramentas de trabalho, utensílios domésticos e outras benfeitorias com a ameaça de morte dos parentes presos (Nazario, 2020, p. 143).

O senhor Afonso dos Santos, quilombola de 84 anos, relata no documentário Rosa do Quilombo<sup>10</sup> que passou nove dias preso em Niterói. “Perguntavam para mim: - Por causa de que trouxeram nós presos? Eu dizia: Porque queria roubar os terrenos, para nós não trabalhar, e era isso mesmo que queriam”.

Os relatos remetem a uma memória de luta e resistência pela permanência em suas terras. Para Nazário, “A união da comunidade da Caveira foi crucial para que eles se mantivessem na terra e resistissem ao ataque dos fazendeiros” (NAZARIO, 2020, p. 109). Nesse processo de resistência, as lavouras foram essenciais porque representavam um sinal de ocupação produtiva da terra pela comunidade. Nelas, eles produziam aipim, laranja, mamão, batata, batata-doce, banana e o principal produto que era a farinha.

As identidades estão ligadas ao sentimento de pertencimento de um indivíduo a sua coletividade. Em relação à identidade dos quilombolas de Caveira, o Relatório de Identificação e Reconhecimento Territorial aponta que a identidade que une os mem-

---

<sup>10</sup> ROSA do Quilombo. Direção: Carolina Maduro. Rio de Janeiro: Maduro Conteúdo Criativo, 2022. Duração: 42 minutos. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=POv5dfRSDgE&t=521s>.

bro do lugar emergiu da ameaça externa à posse do território. A experiência de sofrimento dos seus ancestrais que foram escravizados e a defesa coletiva pela terra gerou um sentimento que foi transmitido de geração em geração.

Sobre as identidades Pesavento aponta que,

[...] Enquanto representação social, a identidade é uma construção social, a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença [...] (Pesavento, 2012, p. 54)

Esse sentimento de pertencimento não significa que dentro das comunidades quilombolas não existem diferenças culturais e disputa de poder entre as famílias. Os grupos étnicos não são grupos formados com base em uma cultura comum. É a luta política que cria os grupos étnicos e os símbolos culturais, o que não impede que tenham diferenças internas. Segundo Fredrik Barth (Barth, 2005, p. 16), a formação de grupos ocorre com base nas diferenças culturais.

A identidade dos quilombos não está presa ao passado, como também sua cultura pode passar por transformações, como demonstra Fredrik Barth:

[...] Não há a possibilidade de estagnação nos materiais culturais, porque eles estão sendo constantemente gerados, à medida que são induzidos a partir das experiências das pessoas. Logo, argumento aqui que não devemos pensar os materiais culturais como tradições fixas no tempo que são transmitidas do passado, mas sim como algo que está basicamente em um estado de fluxo (Barth, 2005, p. 17).

Esses grupos são detentores de culturas específicas, mas elas não são estáticas no tempo. O quilombo da Caveira, por exemplo, é uma comunidade evangelizada, onde tradições do passado como recorrer às rezadeiras não são mais utilizadas. Já ouvi inúmeras vezes questionamentos de que, se eles não seguem religiões de matrizes africanas, não são quilombolas. Muitos questionam, como eles podem ser quilombolas se são protestantes?

A comunidade da Caveira, a exemplo da Rasa, em Armação dos Búzios, e muitas outras no estado do Rio de Janeiro, não se originaram da fuga de escravizados para fora da sociedade escravista, como no caso clássico do Quilombo dos Palmares. Mas as memórias do cativo são parte constitutiva da ressemantização do termo “remanescentes de quilombos”. Sobre essa questão, Arruti e Figueiredo (2005) destacam que:



[...] os quilombos Contemporâneos referem-se “a grupos que se autointitulam remanescentes de quilombos e apresentam algumas características comuns, tais como: uma organização social específica, com base em laços de solidariedade e parentesco; uma territorialidade caracterizada pelo uso comum da terra; uma origem ou ancestralidade comum; o compartilhamento de uma memória coletiva sobre o histórico de ocupação da terra e da formação do grupo; (re)construída ou em processo de (re)construção, reivindicada por hábitos, rituais e/ou saberes partilhados[...]” (apud Soares; Maroun; Soares, A., 2022, p. 4)

O atual presidente da Associação Roberto dos Santos relata no documentário Rosa do Quilombo como a comunidade percebeu que era quilombola,

Anteriormente, a gente ainda não tinha o conhecimento que a gente era quilombola. Começamos a buscar algumas coisas das raízes da nossa comunidade. A ex-governadora Benedita da Silva, quando chegou na hora, vocês têm uma origem das tradições quilombolas. Então, começaram os trâmites para fazer os estudos genealógicos, que aqui eram cinco famílias, foi um casando com o outro e dado esse laudo antropológico que foi feito, foram chegando à conclusão que éramos remanescentes. Com isso, fomos reconhecidos em 1999, com laudo antropológico e árvore genealógica das famílias que foram formadas e publicadas em Diário Oficial da União, o reconhecimento que essa comunidade era remanescente de quilombo<sup>11</sup>.

Roberto dos Santos, mais conhecido como Robertão, já foi vereador no município de São Pedro da Aldeia e demonstra grande conhecimento da causa quilombola. Ele define ser quilombola como “aqueles que resistiram às opressões daqueles que sempre dizia que era dono da terra para expulsá-los”. (Documentário Rosa do Quilombo, 2022)

Petrônio Domingues e Flávio Gomes em “Histórias dos quilombos e memórias dos quilombolas do Brasil: revisitando um diálogo ausente na Lei 10.639/03”, também abordam a ressignificação do termo quilombo, mostrando que a partir da década de 70 houve uma revalorização dessa ideia, que foi ressignificado tornando-se,

[...] um símbolo no processo de construção e afirmação social, política, cultural e identitária do movimento negro contemporâneo no Brasil. Se antes o quilombo era visto como resistência ao processo de escravização do negro, a partir dali ele se converteu em símbolo, não só de resistência pretérita, como também de luta no tempo presente pela reafirmação da herança afro-diaspórica e busca de um modelo brasileiro capaz de reforçar a identidade étnico e cultural (Domingues E Gomes, 2013, p. 10).

---

<sup>11</sup> Depoimento contido no Documentário Rosa do Quilombo, 2022.

Distantes de uma categoria estática no tempo, os quilombolas da Caveira ainda clamam por seus direitos, principalmente a titulação de suas terras, como também por uma escola que atenda às necessidades de suas crianças.

### 1.1. CIDADANIA E DIREITOS: MOVIMENTOS SOCIAIS E OS AVANÇOS NA LEGISLAÇÃO DO ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

A Educação Escolar Quilombola é uma modalidade de ensino da Educação Básica que se oficializou no Brasil a partir da resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012. Essa resolução definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.

O caminho para essa conquista foi permeado por muitas lutas e contou com debates que vinham ocorrendo sobre a Educação Escolar Indígena e a Educação do Campo. Nos anos 2000, por exemplo, ocorria o movimento nacional “Por uma educação básica do campo”, que resultou nas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do campo de 2002.

O movimento “Por uma educação básica do campo” se beneficiou do debate realizado pelos povos indígenas (1980-1990) sobre a formulação de uma política específica de educação escolar que contemple especificidades históricas, sociais, territoriais, linguísticas, religiosas de seus povos. E é o debate da educação escolar vinculada à cultura de povos específicos, com identidades específicas, que o movimento de educação do campo vai reivindicar também uma educação escolar diferenciada para os “povos do campo” (Oliveira, 2013, p. 14).

Os debates realizados pelos povos indígenas nas décadas de 1980 e 1990 foram fundamentais para as conquistas da Educação do Campo. Além disso, trouxeram a discussão da diversidade no sistema educacional e a necessidade de políticas públicas que viabilizassem um ensino que contemple as especificidades históricas e culturais desses povos e a valorização de sua identidade.

Dessa forma, abriram caminho para o debate sobre a Educação escolar quilombola:

É nos anos 2000, por sua vez, que o debate sobre quilombos - e com ele, sobre uma série de demandas por direitos sociais, dentre eles, uma educação específica para quilombolas ganha espaço na cena pública, político governamental e acadêmico. Ou seja, a educação quilombola tornou-se pauta de políticas governamentais, e passou a configurar junto à educação indígena e à

educação do campo o cenário de reconhecimento e disputa por políticas de diversidade na educação. (Oliveira, 2013, p. 14-15)

Não menos importante foi a luta do Movimento Negro Educador que resultou em legislações como a Lei 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana/2004. Documentos que trouxeram para o campo educacional a discussão racial, sempre minimizada pelo mito da democracia racial.

A Trajetória do Movimento Negro que Nilma Lino Gomes aborda no livro *O Movimento Negro Educador*, traz um panorama de lutas e conquistas em busca de uma emancipação política e de ações que de fato combatam o racismo.

A Lei 10.639/2003 foi um importante avanço ao tornar o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira obrigatório,

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.<sup>12</sup>

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1996 já haviam instituído conteúdos de História da África como temas transversais da pluralidade cultural, o que foi um avanço diante do apagamento dessa história nos currículos escolares. Os PCN's buscavam romper a ideia de uma cultura uniforme formada pelos índios, brancos e negros, formadores de uma identidade mestiça. Essa identidade brasileira homogeneizadora não contribui para a valorização das diferenças e para o combate ao racismo. O documento trouxe reflexões sobre a importância de estimular a convivência entre diferentes culturas e o respeito à diversidade.

A questão se aprofunda com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana<sup>13</sup>. As Diretrizes de 2004 foram uma importante ferramenta de combate ao racismo e de propor políticas afirmativas de reparação histórica, ao buscarem valorizar a história e identidade negra, trazendo a importância de uso em sala de aula de trajetórias de pessoas negras como protagonistas de suas histórias e suas atuações em diferentes áreas do conhecimento, mostrando não apenas a visão de dor causada

---

<sup>12</sup> Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.

<sup>13</sup> Foram instituídas com a resolução nº 1, de 17 de junho de 2004.

pela escravização. “Elas trazem para o âmbito da escola, pela primeira vez, a importante discussão das relações raciais no Brasil e o combate ao racismo, tantas vezes silenciado ou desqualificado pelas avaliações de que o Brasil é uma democracia racial” (Abreu; Mattos, 2008, p. 9).

Martha Abreu e Hebe Mattos, no artigo em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana: uma conversa com historiadores” (2008), abordam a importância desses documentos e dão ênfase ao combate ao racismo e às visões do Brasil como o local da democracia racial, discurso esse forjado pela sociedade brasileira num contexto de embranquecimento que tentava invisibilizar a população negra.

Tanto os Parâmetros curriculares nacionais (PCNs) como as Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana têm hoje força de lei e representam uma vontade de democratização e correção de desigualdades históricas na sociedade brasileira (Abreu; Mattos, 2018, p. 6).

Em 2012 as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica foram homologadas. Essas diretrizes foram definidas com a participação de docentes e gestores quilombolas. No *I Seminário Nacional de Educação Quilombola*, em novembro de 2010, organizado pelo Ministério da Educação (MEC), foi instituída uma comissão quilombola formada por oito integrantes representantes de comunidades quilombolas e de entidades como a Conaq, para assessorar a comissão especial da Câmara de Educação Básica.

Em parceria com a comissão assessora, durante o ano de 2011, a comissão da CEB realizou três audiências públicas para a elaboração das Diretrizes. Também foi disponibilizado através do site do CNE e das redes sociais, no período de junho a dezembro de 2011, o documento “Texto-Referência para a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola”. As sugestões e críticas foram recebidas através do e-mail institucional [audienciaquilombola@mec.gov.br](mailto:audienciaquilombola@mec.gov.br).

As DCN's da educação escolar quilombola, sancionadas pela presidenta Dilma Rousseff em 2012, trazem como um dos seus princípios, no parágrafo IX do artigo 7º, a superação do racismo em vários sentidos: institucional, ambiental, alimentar, entre outros. E, de forma contundente, reafirmam a necessidade de eliminação de toda e qualquer forma de preconceito e discriminação racial.

A educação Escolar Quilombola compreende as escolas quilombolas e as escolas que atendem estudantes oriundos de territórios quilombolas. Levando em consideração que essas comunidades não vivem isoladas e muitas dessas escolas oferecem apenas o Ensino Fundamental anos iniciais, necessitando que esse aluno prosiga seus estudos em Unidades Escolares fora do seu território, existe a necessidade de garantir ao aluno o direito a essa Educação.

A Resolução nº 8 de 20 de novembro de 2012 determinou a necessidade de uma pedagogia própria para essas escolas e, em seu Art.1º, definiu que o ensino ministrado nas instituições educacionais deve se fundamentar considerando os seguintes pontos:

a) memória coletiva; b) línguas remanescentes; c) marcos civilizatórios; d) práticas culturais; e) tecnologias e formas de produção do trabalho; f) acervos e repertórios orais; g) festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país; h) territorialidade (MEC, 2012, p. 3).

Apesar dos avanços trazidos pela resolução, ela ainda não é implementada de forma completa. A maioria das escolas quilombolas carece de infraestrutura necessária para atender os alunos. O movimento negro lutou e ainda luta pela superação do racismo na nossa sociedade e, através de suas reivindicações, políticas públicas foram criadas. Sigo aqui a perspectiva de Gomes, a de que “entende-se como Movimento Negro as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam a superação desse perverso fenômeno na sociedade” (GOMES, 2017, p. 23).

É recente o reconhecimento do direito de ser “remanescente de quilombos” e ainda existe um longo caminho a ser percorrido porque, apesar de terem adquirido direito à terra e a manter seus costumes e tradições, essas comunidades quilombolas ainda lutam por direitos básicos, como saneamento básico e transporte público.

Além disso, a maioria das comunidades ainda não possui a titulação de suas terras, apesar de possuírem a certificação da Fundação Cultural Palmares. As políticas públicas voltadas a esses grupos passaram por grande retrocesso nos anos de Governo do ex-presidente, Jair Bolsonaro.

As comunidades quilombolas sofrem um mecanismo de exclusão que Mariléa de Almeida (2022) chama de “governamentalidade racista”. Ela cita como mecanismo dessa exclusão, a burocratização do acesso à terra, a folclorização das práticas e

corpos quilombolas e o desamparo social. A autora ainda chama a atenção para a forma como esse tipo de governamentalidade esvazia o potencial uso das tradições como veículo de transformação. Essa realidade não é uma singularidade da Comunidade de Caveira, mas de todos os quilombos pelo Brasil.

A Associação reivindicou junto à Secretaria Municipal de Educação a implementação da Educação Escolar Quilombola de acordo com a Legislação. Inclusive levanta um ponto importante, que é a necessidade de um Concurso ou processo seletivo próprio para a comunidade, já que o art. 7º diz que um dos princípios deve ser garantir presença preferencial de professores e gestores quilombolas nas escolas.

Outra reivindicação é a garantia de vagas para os estudantes quilombolas, o que resultou na resolução SEMED nº 25, de 26 de novembro de 2019, que determina normas específicas de matrícula<sup>14</sup> com reserva de vagas para alunos que se identificam como quilombolas e estejam cadastrados junto à Associação dos remanescentes do Quilombo da Caveira. As vagas que não são ocupadas pelos alunos quilombolas são destinadas à ampla concorrência.

Porém, a questão ainda não está totalmente solucionada. A associação deseja que a escola ofereça o Ensino Fundamental anos Finais, ou seja, do 6º ao 9º ano, para que os alunos quilombolas não tenham que ficar à mercê de conseguir vaga em outras escolas fora do território quilombola. O fato é que hoje a escola mal atende a Educação Infantil e Ensino Fundamental anos iniciais. Não existe espaço físico nem para sala dos professores e utilizamos a sala de leitura para as reuniões, socializações, entre outras demandas.

A escola possui seis salas de aula, uma sala de leitura e um refeitório, o que não atende às necessidades da comunidade. Além disso, não possui quadra poliesportiva e tem muitos problemas estruturais. Um projeto de obra está em andamento desde 2020, faltando apenas a assinatura do prefeito do município. Se realmente for executado, a unidade escolar receberá um anexo para a Educação infantil com 4 salas, uma quadra e outras reformas necessárias à escola.

---

<sup>14</sup> Essas normas específicas de matrícula foram instituídas pela Resolução SEMED Nº 25, de 26 de novembro de 2019, que estabeleceu normas específicas de matrícula inicial no âmbito da escola municipal quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira na rede pública de ensino de São Pedro da Aldeia a partir do ano letivo de 2020.

Atualmente a Associação ocupa cadeiras nos conselhos municipais que são destinados aos quilombolas. Uma dessas cadeiras é no Conselho de Alimentação Escolar (CAE), em que acompanha o cumprimento do artigo 12º das Diretrizes. O presidente da Associação recebe, no início de cada semana, o cardápio escolar para acompanhar o respeito às especificidades alimentares da comunidade. Em nossas reuniões, ele questionou a qualidade dessa alimentação e muitas vezes o cumprimento desse cardápio.

De acordo com este artigo,

Art. 12 Os sistemas de ensino, por meio de ações colaborativas, devem implementar, monitorar e garantir um programa institucional de alimentação escolar, o qual deverá ser organizado mediante cooperação entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios e por meio de convênios entre a sociedade civil e o poder público, com os seguintes objetivos:

I - garantir a alimentação escolar, na forma da Lei e em conformidade com as especificidades socioculturais das comunidades quilombolas;

II- respeitar os hábitos alimentares do contexto socioeconômico-cultural-tradicional das comunidades quilombolas;

III - garantir a soberania alimentar assegurando o direito humano à alimentação adequada;

IV - garantir a qualidade biológica, sanitária, nutricional e tecnológica dos alimentos, bem como seu aproveitamento, estimulando práticas alimentares e estilos de vida saudáveis que respeitem a diversidade cultural e étnico-racial da população; (MEC, 2012, P7)

As Diretrizes são um importante conquista, porém a sua correta implementação depende que as prefeituras tenham políticas públicas para essas comunidades e que as escolas tenham infraestrutura para a sua realização.

Além disso, muitos materiais e projetos desenvolvidos nas escolas ainda reproduzem estereótipos pejorativos em relação à população negra. Para o Ministério da Educação (MEC),

Reconhecer exige que se questionem relações étnico-raciais baseadas em preconceitos que desqualificam os negros e salientam estereótipos depreciativos, palavras e atitudes que, velada ou explicitamente violentas, expresam sentimentos de superioridade em relação aos negros, próprios de uma sociedade hierárquica e desigual. (MEC, 2004, p.12)

A baixa autoestima da população negra acaba gerando desinteresse pelas questões políticas, o que pode ser um entrave na mobilização pela luta por direitos e contra as injustiças sofridas. Daí também a importância de uma Educação que valorize sua presença, porque “ser negro no Brasil não se limita às características físicas. Trata-se, também, de uma escolha política. Por isso, o é quem assim se define” (MEC, 2004,

p. 15). Muitas vezes o reconhecimento identitário é prejudicado pela realidade de marginalização a qual são submetidos.

Após seis anos do golpe contra a presidenta Dilma (PT) no seu segundo mandato, o que levou ao poder o vice-presidente Michel Temer (MDB), vimos em 2023 reacender, já no primeiro mês do novo governo, pautas que foram ausentes e negligenciadas no governo Temer e no de seu sucessor, Jair Messias Bolsonaro (PSL), capitão reformado do exército e deputado federal desde 1991.

O atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), já no início do seu mandato, traz de volta à cena institucional atores sociais excluídos nos últimos anos. Entre as medidas que acenam para um governo plural e progressista, foram criados dois novos ministérios, o Ministério dos Povos Originários, sob chefia de Sônia Guajajara<sup>15</sup>, e o Ministério de Igualdade Racial, liderado por Anielle Franco<sup>16</sup>. As equipes ministeriais contam com representantes indígenas e negros e toda a sua representatividade, estando sobre a égide principalmente de mulheres. Além disso, foi extremamente significativa a nomeação de Silvío Almeida<sup>17</sup> para o Ministério dos Direitos Humanos e seu discurso de posse valorizando as minorias (mulheres, pobres, negros, LGBTQIAPN+, entre outras). Num momento histórico, o ministro emocionou a todos e todas ao se dirigir a grupos excluídos e afirmar "Vocês existem e são valiosos para nós"<sup>18</sup>.

Em relação às comunidades quilombolas, existe uma grande esperança da retomada das titulações de terra e políticas públicas voltadas para esse grupo. Os quilombolas também estão representados nesse novo governo, através de líderes como Ronaldo dos Santos<sup>19</sup>, da CONAQ<sup>20</sup>. Essa esperança também se dá pelo histórico de

---

<sup>15</sup> A indígena é uma ativista ambiental reconhecida internacionalmente pelas dezenas de denúncias que já fez à Organização das Nações Unidas (ONU), ao Parlamento Europeu e às Conferências Mundiais do Clima (COP) sobre violações de direitos dos povos indígenas no Brasil. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/11/>. Acesso em 06 mar. 2024.

<sup>16</sup> É jornalista, educadora, jogadora de vôlei desde criança, mestre em relações étnico-raciais (CEFET/RJ), doutoranda em linguística aplicada (UFRJ) e diretora do Instituto Marielle Franco. Disponível em <https://www.institutomariellefranco.org/anielle-franco>. Acesso em 06 mar. 2024.

<sup>17</sup> Jurista, professor e filósofo, autor do livro *Racismo Estrutural* (2019).

<sup>18</sup> Discurso disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/01/04/>. Acesso em 06 mar. 2024.

<sup>19</sup> Músico, graduando em história, vice-presidente do diretório municipal do PT de Paraty-RJ, presidente da AMOQC - Associação de Moradores do Quilombo Campinho da Independência, e coordenador nacional da CONAQ - Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas. Disponível em <https://www.brasil247.com/authors/ronaldo-dos-santos>. Acesso em 06 mar. 2024.

<sup>20</sup> Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas.



avanços sociais que ocorreram nos dois primeiros mandatos de Lula, como também por medidas como o Decreto 4.887<sup>21</sup>, de 20 de novembro de 2003 e a Lei 12.711/12<sup>22</sup>.

Nos primeiros meses do terceiro mandato foram sancionadas leis como a que equipara injúria racial ao crime de racismo<sup>23</sup>, além da Lei 14.519, de 5 de janeiro de 2023, que institui o Dia Nacional das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé. Em relação à Educação Escolar Quilombola, no dia 14 de julho de 2023, através da portaria nº 1.356, o Ministro de Estado da Educação designou os membros da Comissão Nacional de Educação Escolar Quilombola (Coneeq)<sup>24</sup>, com atribuição de assessorar o Mec, na formulação de políticas públicas.

Também foi recriada a Secretaria de Educação continuada, Diversidade e Inclusão (SECADI), liderada pela professora Zara Figueiredo. Foram criadas dentro desta secretaria a Diretoria de Políticas de Educação Étnico-Racial e Educação Escolar Quilombola, a Coordenação Geral de Educação Étnico-Racial e Educação Quilombola e a Coordenação Geral de Formação Continuada para Relações Étnico-racial e Educação Escolar Quilombola. Um aceno de que o governo pretende reparar desigualdades históricas.

---

<sup>21</sup> O Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

<sup>22</sup> A Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, conhecida como Lei de Cotas, estabelece as diretrizes e regras sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio, dispondo especificamente sobre os percentuais de vagas que devem ser preenchidas por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação. Disponível em <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/nota-de-esclarecimento/lei-de-cotas>. Acesso em 06 mar. 2024.

<sup>23</sup> Altera a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 (Lei do Crime Racial), e o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar como crime de racismo a injúria racial, prevê pena de suspensão de direito em caso de racismo praticado no contexto de atividade esportiva ou artística e prever pena para o racismo religioso e recreativo e para o praticado por funcionário público. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2023-2026/2023/Lei/L14532.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14532.htm#art1). Acesso em 01 mar. 2024.

<sup>24</sup> <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-1.356-de-14-de-julho-de-2023-496701548>. Acesso 06 mar. 2024.

## **2. OS DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOM-BOLA NA ESCOLA MUNICIPAL QUILOMBOLA DONA ROSA GERALDA DA SIL-VEIRA.**

Este capítulo é um relato dos desafios vividos nesses dois anos de construção de uma Educação Escolar Quilombola na E.M. Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira. É fruto de experiências, muitas escutas e reflexões que fiz ao lado da profes-sora Sílvia Rohem, que está como coordenadora junto comigo.

Entre 2021 e 2023 realizei visitas e entrevistas com a comunidade, relatórios, formações e reuniões pedagógicas com os professores, projetos, roda de conversa com os alunos e reuniões com os responsáveis. Esse trabalho nasceu de uma obser-vação participante em que eu vivi na prática cada momento desses dois anos, de diversos ângulos, inclusive do institucional, dentro da Secretária de Educação.

Conforme eu vivia essa experiência, eu via a falta de material pedagógico para uso na escola. Um material que garantisse que a história da comunidade a qual os alunos estão inseridos fosse contada e que estivesse à disposição de todos.

Na reunião realizada com a comunidade para apreciação do site, ocorrida em 12 de dezembro de 2023 pelo aplicativo *Google Meet*, o quilombola Jandir dos Santos falou que, certa vez, um amigo seu foi pesquisar na internet sobre o Quilombo da Caveira e nada encontrou. Ele ressaltou na reunião a importância de agora ter infor-mações sobre a comunidade na internet. Isso corroborou a angústia que via nos do-centes pela falta de referências.

A partir das conversas com a comunidade, percebi que a marca da identidade quilombola da Caveira é a história de resistência e a valorização da terra. Se, no pas-sado, a produção de farinha os unia, agora são as memórias de resistência que forta-lecem essa identidade.

Existe uma tendência à folclorização das comunidades e uma errônea ideia de que, se é quilombola, pratica jongo e segue uma religião de matriz africana. Inúmeras vezes ouvi de funcionários da Secretaria de Educação que deveríamos fazer roda de jongo na escola. As visões estereotipadas dessas comunidades têm muito a ver com a estigmatização que elas sofrem. Ser negro não comporta só uma identidade ou uma expressão cultural.

O principal objetivo da criação da Coordenação de Educação Escolar Quilombola era construir uma proposta curricular diferenciada, tarefa esta que havia começado com a coordenação anterior, mas que não havia avançado. Para essa construção era necessário reunir os professores(as) para mediar os debates que resultariam no documento.

Para conceber essa educação quilombola e antirracista, era imprescindível a participação dos quilombolas da Caveira, detentores do saber, para ouvir deles como deveria ser o Currículo quilombola. Para tal, buscamos nos reunir com a Associação de Remanescentes, o que aconteceu oficialmente três vezes na escola (23 de setembro de 2021, 23 de maio de 2022 e 03 de outubro de 2022). Além disso, nos encontramos em eventos, conversamos através de ligação telefônica inúmeras vezes, como também em encontros esporádicos pela Secretaria de Educação. O presidente da Associação, Roberto dos Santos e a vice-presidente Thainara Santos também participaram de uma das formações de Educação Quilombola na escola.

Em todos os encontros realizados com a Associação, reforçamos a importância da participação da comunidade na construção do currículo e na reformulação do Projeto Político Pedagógico. Esclarecemos o cunho pedagógico do nosso trabalho na escola e nos colocamos à disposição para esclarecer qualquer dúvida. Convidamos para que participassem de nossas formações e levassem os temas que desejam que sejam inseridos no Currículo a respeito das histórias do quilombo.

**Figura 1** - Reunião com a Associação de Remanescentes de Botafogo-Caveira no dia 22 de maio de 2022.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

Foi buscando famílias tradicionais do quilombo que consegui ter acesso a informações sobre seus saberes e visões sobre a escola. Destaco a grande contribuição do Sr. João dos Santos e sua família, como também de Jaqueline Emília Pereira Teixeira, Jandir dos Santos, Sr. Genil da Silveira Dutra e Dona Maria dos Santos. Ademais, foram fundamentais as conversas nos corredores da escola com funcionários quilombolas, como também com os responsáveis dos alunos e alunas nos eventos da escola.

**Figura 2** - Pesquisa de Campo na casa do Sr. Genil Silveira Dutra e Dona Maria dos Santos no dia 25 de junho de 2022.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

Era preciso escutar a comunidade, ideia de escuta sensível que Alessandro Portelli defende em sua obra “História oral como arte da escuta” (2016). No meu contato com a comunidade, precisei entender que o currículo diferenciado que os quilombolas almejam não pode ser um apanhado de conteúdos que eu considere o melhor, mas sim o que faz sentido para esta comunidade. Como afirma Portelli (2016), a História oral é primordialmente uma arte de escuta e toda escuta envolve respeito.

Rovai (2020) chama atenção para a construção de comunidades de escuta e aborda a importância “das narrativas dos chamados “historiadores locais”, sem negligenciá-los ou estabelecer hierarquias, num encontro de saberes que deve permitir, humilde e coletivamente, a democratização do fazer histórico e historiográfico” (Rovai,

2020, p. 141). A pesquisadora usa o termo “desencastelar” e desafia os historiadores a reverem suas posturas,

O desafio que se coloca é o de nos propormos não mais a “traduzir” a história a um público passivo, tratado apenas como audiência, mas nos relacionarmos com o mundo de forma humilde e politizada, levando em conta a necessidade de escuta e interação com outras narrativas e saberes. (Rovai, 2020, p. 133).

Paralelo às reuniões com a Associação e os diálogos juntos aos quilombolas que trabalham na escola, fui buscando entender quais eram esses saberes tão caros à comunidade e que deveriam estar nessa proposta curricular. Tais saberes são conhecimentos da comunidade que os identificam e são passados de geração em geração.

Foram fundamentais nessa busca a leitura do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território da Caveira, a tese da pesquisadora e professora quilombola Gessiane Nazário, já citada anteriormente, e o artigo “A construção social de uma escola quilombola: a experiência da Comunidade Caveira”<sup>25</sup>.

Outra leitura relevante foi capítulo escrito por Daniela Yabeta, intitulado “A Escola da Caveira e outros casos” (2016), no livro “História Oral e Comunidade: Reparações e Culturas Negras”, organizado por Hebe Mattos. O texto é resultado da participação da pesquisadora num projeto de Apoio ao fortalecimento político e protagonismo das comunidades quilombolas do Rio de Janeiro. Como articuladora no projeto, realizou uma oficina sobre Políticas Públicas na Escola Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira e traça nesse texto a trajetória política e legislativa que permitiu a construção da escola.

A escola foi uma conquista da comunidade da qual os mais velhos muito se orgulham. Para eles foi muito difícil estudar não tendo uma escola próxima, já que na época não havia transporte escolar gratuito e nem material didático. A maioria não conseguia enviar seus filhos para a escola.

O Sr. João dos Santos nos conta que,

Quando se fala na história da escola o que me traz na lembrança é o velho Severino, que foi um primitivo daqui, era o pai da Dona Norma, a primeira professora daqui da zona rural foi Dona Norma. Lá em Campos Novos a primeira professora foi a Glória, que deu aula ali e depois veio a Norma. O velho Severino era um velho semi-analfabeto, mas que se preocupava muito com

---

<sup>25</sup> Os autores Soares, D. G.; Maroun, K. e Soares, A. J. G., fizeram um estudo de caso na Escola Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda em que analisaram a identidade quilombola nas práticas escolares entre os anos de 2017 e 2019.

o estudo. Então ele procurava, ele ajudava as pessoas que ia estudar, dando livro, dando uma oportunidade. E a primeira coisa que ele fez foi investir na filha dele e ela foi a primeira professora<sup>26</sup>.

Sobre as dificuldades para estudar, o Sr. João dos Santos completa dizendo que “nós vivíamos aqui e não tinha uma aula, a aula era em São Mateus ou era lá em Campos Novos. Sempre foi nosso sonho ter uma escola aqui.”<sup>27</sup>

Essa escola para mim que sempre lutamos e desejamos ter e tive a felicidade de conseguir vê-la pra mim é uma grande satisfação. Lamento que outros como o Sr. Wilson, Dona Rosa, Seu Silva, que foi um baluarte que sempre se preocupou em ajudar as pessoas a estudar, não estão aqui para ver. E cabe a toda a comunidade zelar por ela porque é o futuro de toda criança.<sup>28</sup>

David Soares, Kalya Maroun e Antônio Jorge Soares observaram em sua pesquisa na comunidade nos anos de 2017 a 2018 que:

Embora a comunidade Caveira tenha tido seu reconhecimento formal como quilombola anteriormente à construção da escola, esta passa a ocupar um lugar central (não o único, mas talvez o principal) na construção simbólica da identidade quilombola da comunidade. (Soares; Maroun; Soares, A., 2022, p. 9)

Os pesquisadores ainda vão além e afirmam no artigo “A construção social de uma escola quilombola: a experiência da Comunidade Caveira” que:

Com esse apelo de construção da identidade quilombola da comunidade, suas lideranças passam a construir imagens sobre um desejável funcionamento da escola e sobre sua participação em um possível currículo escolar. Não bastaria criar uma escola e nomeá-la como quilombola; ela apresentase com um sentido mais ativo para as lideranças, isto é, deveria ser um ponto de construção e consolidação da própria identidade quilombola de Caveira na produção tanto de reconhecimento interno, entre os moradores do próprio grupo, quanto de reconhecimento externo, ao considerar o poder público e a sociedade em geral. (Soares; Maroun; Soares, A., 2022, p. 9).

Para a construção desse currículo desejado pelos mais velhos, também aconteceram, durante todo o ano de 2022, cursos de formação mensal para os professores(as) da escola, promovidos pela nossa coordenação, que proporcionaram diálogos e reflexões sobre o contexto histórico e cultural que envolve tanto a Escola como a importância de uma Educação Antirracista.

---

<sup>26</sup> Depoimento do Sr. João dos Santos gravado em 09 de novembro de 2023.

<sup>27</sup> Ibidem.

<sup>28</sup> Ibidem.

Nesses encontros, utilizamos obras de autores e autoras negras, como, por exemplo, Abdias Nascimento, Djamila Ribeiro, Silvio Almeida, Nilma Lino Gomes, Givânia da Silva, Gessiane Nazario, entre outros. Como recomendam as Diretrizes do Ensino das Relações étnico-raciais, debatemos conceitos como raça, etnia, racismo, discriminação, tolerância, estereótipos e apresentamos sugestões de materiais e debatemos sobre a aplicabilidade de atividades que contribuam com essa Educação Antirracista.

Nosso objetivo nessas formações era o de mediar reflexões que possam propiciar aos professores e professoras novos olhares sobre os materiais utilizados em suas aulas e que eles possam, de forma autônoma e crítica, escolher materiais pedagógicos e recursos que atendam a essa educação, visto que muitos professores têm dificuldade em desenvolver aulas que trabalhem questões consideradas sensíveis, como o racismo. Muitos não se sentem com conhecimento suficiente para abordar a questão, ou temem a reação dos alunos e responsáveis, numa época em que muitos educadores são acusados de doutrinação ideológica.

Acusados de doutrinadores, os professores se veem atacados por diferentes segmentos sociais como a família, a mídia, as religiões e, também, o Estado, embora saibamos que a educação voltada para o exercício da cidadania ativa impõe, necessariamente, o estudo de temas sensíveis e controversos que ultrapassam a mera inclusão dos problemas do tempo presente nas aulas de História, conforme orientam os próprios documentos legais. (Gil; Eugênio, 2018, p. 143)

Para Carmem Zeli de Vargas Gil e Jonas Camargo Eugenio, em “Ensino de história e temas sensíveis: abordagens teórico-metodológicas”, os temas sensíveis são questões vivas para a sociedade e controversas na historiografia. São pontos constringedores para determinados grupos sociais, mas que podem produzir esperança nas salas de aula. A escola brasileira está inserida num contexto sensível e deve enfrentá-lo, inclusive reconhecendo grupos invisibilizados.

Muitos educadores(as) carregam consigo a crença de que não existem materiais ou de que é difícil abordar tais temáticas, optando em ignorar muitas vezes a cultura africana e indígena, como o contexto que envolve a escola. É fato que hoje existem inúmeros materiais, inclusive produzidos pelo ProfHistória, que abordam esses temas, vistos como escassos pelos educadores.

Diante dos relatos do corpo docente, reuni fontes sobre a comunidade da caveira para disponibilizá-las aos professores no planejamento de suas aulas, contextualizando com a história do Quilombo. A ideia não é planejar para os docentes, mas fornecer ferramentas pedagógicas para que eles possam adaptar a sua realidade de sala de aula.

Nosso primeiro encontro com os professores (a) aconteceu no dia 30 de setembro de 2021, de forma online, pelo aplicativo *Google Meet*. Começamos a reunião com o vídeo da palestra de Djamila Ribeiro, no TED São Paulo, “Precisamos romper com os silêncios” e refletimos sobre a mensagem do vídeo. Na ocasião abordamos alguns aspectos que precisam ser destacados no currículo de acordo com a legislação para que os professores e professoras já comesçassem a refletir.

Segundo o documento da Base Nacional Comum Curricular,

As aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação. São essas decisões que vão adequar as proposições da BNCC à realidade local, considerando a autonomia dos sistemas ou das redes de ensino e das instituições escolares, como também o contexto e as características dos alunos. (MEC, 2017, p. 15)

Para essas decisões, é necessário também o envolvimento e participação das famílias e da comunidade, o que também determinam as DCN's da Educação Escolar Quilombola.

Durante as formações, discutimos a Educação Escolar Quilombola e começamos a construir a proposta curricular da escola que irá complementar a proposta curricular oficial já existente na rede municipal de Educação de São Pedro da Aldeia, respeitando a BNCC. No final de cada encontro, os professores eram divididos em grupos e, de acordo com o ano de escolaridade que lecionaram, sugeriram as habilidades quilombolas que deveriam fazer parte do currículo.

Participaram dessa construção os docentes, equipe de assessoramento pedagógico, direção da escola e coordenação de Educação Escolar Quilombola. Das professoras que atuaram nessa construção, quatro delas são quilombolas. Da equipe diretiva, a diretora adjunta também é quilombola e defende tanto a E.E.Q quanto a Educação Antirracista. A Associação foi convidada para participar desses momentos com os professores, mas só estiveram presentes uma vez.



**Figura 3** - Professoras criando as habilidades quilombolas.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

As habilidades abaixo são um exemplo de que forma a história da comunidade está sendo inserida como conteúdo no Currículo. Neste caso, trata-se do Currículo da Creche III e Creche IV<sup>29</sup>:

CAMPO DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO	OBJETOS DE CONHECIMENTO	CRECHE III			CRECHE IV		
			INT	APROF	CONS	INT	APRO	CONS
CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS	(EI03CG01QUI) Criar movimentos e gestos, explorando músicas e tradições orais (como a vaca que colocava leite pó, o susto do coelho, entre outras) da comunidade da Caveira.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Coordenação motora;</li> <li>- Percepção;</li> <li>- Ritmos;</li> <li>- Repertório musical;</li> <li>- Linguagem corporal e gestual</li> </ul>	X			X	X	
	(EI03CG02QUI) Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre ou-		X			X	X	

<sup>29</sup> Legendas: INT (Introduzir), APROF (Aprofundar), CONS(Consolidar).

	tros, utilizando recursos naturais locais como forma de valorização cultural e de sustentabilidade.							
	(EI01CG03QUI) Desenvolver expressões corporais por meio da dança utilizando o samba, um gênero musical tradicional da comunidade e o samba-enredo da Escola de Samba de Cabo Frio, Paz em Harmonia, que fala de Dona Rosa.		X			X		

Abaixo algumas habilidades quilombolas que estão sendo construídas para o Ensino Fundamental anos iniciais, em todos os componentes curriculares, para complementar a proposta curricular da rede. A ideia é que as habilidades sejam trabalhadas do 1º ao 5º ano.

### 1º Trimestre - História

(EF15HI01QUI1) Criar com a ajuda dos familiares sua árvore genealógica.

(EF15HI02QUI) Identificar aspectos da comunidade a partir de lembranças dos membros de sua família e/ou de sua comunidade.

(EF15HI02QUI) Identificar com a ajuda de familiares e de membros da comunidade objetos antigos de relevância para comunidade, como também fotografias antigas.

(EF15HI07QUI) Identificar as mudanças e permanências no conceito de Quilombo, ressaltando que cada comunidade de remanescentes tem suas características próprias.

(EF15HI03QUI1) Identificar a atuação das mulheres na história do Quilombo da Caveira.

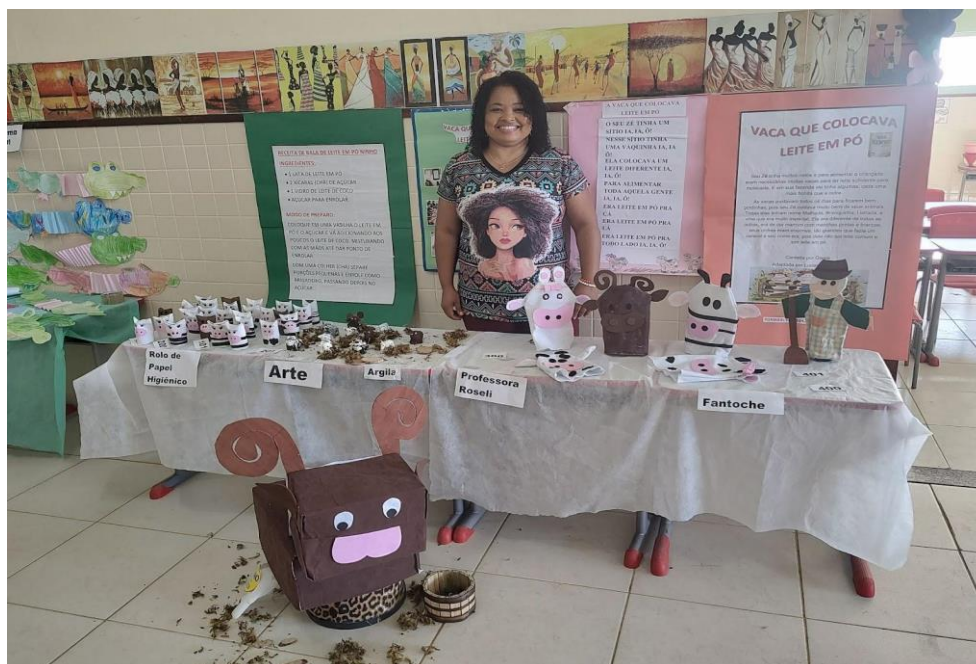
(EF15HI03QUI2) Conhecer a história de Dona Rosa Geralda da Silveira utilizando recursos como documentários, biografia, samba-enredo, relatos orais de moradores, entre outros, como ferramenta para valorização da mulher e combate ao sexismo.

A ideia é um currículo que valorize os saberes tradicionais, como, por exemplo, o uso que fazem de plantas medicinais para curar enfermidades, a produção de farinha e a contação de histórias pelos griôs.

Além disso, são realizadas atividades na escola sobre as tradições orais, como “A Vaca que colocava leite em pó”, a “história da enxada”, “o susto do coelho” e tantas outras. Essas histórias foram escritas pela professora quilombola Gisele Dutra que as ouvia de seu avô paterno Simeão Dutra. Esse material está disponível na unidade escolar e no *website*. Gisele é do Quilombo da Caveira e tem muito orgulho de sua identidade quilombola. A professora faz um trabalho significativo, porém é contratada, e nem sempre consegue lecionar na escola.

Outra professora que se destacou com um trabalho que dialoga com os saberes quilombolas e que atende a Lei 10.639 e as Diretrizes do Ensino das Relações étnico-raciais é a Professora Roseli Belloti. São muitos trabalhos desenvolvidos, desde confecção da boneca Abayomi, às brincadeiras africanas, passando por manifestações culturais brasileiras, até as tradições orais da Caveira. A professora também é contratada, o que não garante a continuidade do seu trabalho na escola.

**Figura 4** - Trabalho mediado pela professora de Artes, Roseli Belloti, sobre a lenda da Vaca que colocava leite em pó. Trabalho apresentado no PPI de 27 de agosto de 2022, na Escola Quilombola.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

**Figura 5** - A professora Roseli Belloti interpretando a vaca que colocava leite em pó em atividade com os alunos (as) e responsáveis no PPI de 27 de agosto de 2022, na Escola Quilombola.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Um grande desafio é o fato de nem todos os professores(as) concordarem com a necessidade de uma Educação diferenciada e, em alguns momentos, presenciamos falas e atitudes racistas dos próprios funcionários para com os alunos e com colegas de trabalho.

Utilizando o discurso de que racismo é “mimimi” e que agora “não se pode falar mais nada”. Alguns justificam suas atitudes alegando ser brincadeira, o que podemos tipificar de racismo recreativo, muito comum no Brasil. Durante uma das nossas formações na escola, uma professora da Educação Infantil murmurou que não havia problema em dizer que o cabelo da criança é igual bombрил, porque o bombрил tem muita utilidade. Outra funcionária afirmou ao colega de trabalho negro que não gostava do livro preto de ocorrência, porque tudo que é preto não presta.

A autora Djamilla Ribeiro, no livro “Lugar de fala” afirma que,

Falar de racismo, opressão de gênero, é visto geralmente como algo chato, “mimimi” ou outras formas de deslegitimação. A tomada de consciência sobre o que significa desestabilizar a norma hegemônica é vista como inapropriada ou agressiva, porque aí se está confrontando o poder. (Ribeiro, 2019, p. 60)

Segundo o autor Adilson Moreira (2019), no livro “Racismo Recreativo”, as piadas que as pessoas contam são manifestações de sentidos culturais que existem na sociedade. Dessa forma, está relacionado ao contexto social e reproduz o status social das pessoas.

Uma análise histórica das produções humorísticas em nossa sociedade demonstra que elas sempre reproduziram ideias derogatórias sobre minorias raciais, as mesmas que eram utilizadas para conferir tratamento desfavorável a eles em outras situações. Vemos então que, mais do que simples mensagens que fazem as pessoas rirem, o humor assume a forma de um mecanismo responsável por medidas que legitimam arranjos sociais existentes. Os estereótipos derogatórios sobre minorias raciais expressam então entendimentos sobre os lugares que os diversos grupos sociais devem ocupar, as supostas características dessas pessoas, os limites da participação delas na estrutura política, a valoração cultural que eles podem almejar e ainda as oportunidades materiais às quais podem ter acesso. (Moreira, 2019, p. 63)

O humor é responsável, nesse sentido, por justificar posições sociais, permitindo que pessoas brancas o utilizem para demonstrar hostilidade pautadas no discurso de que não são racistas. Para Adilson Moreira, “o racismo recreativo é uma política cultural característica de uma sociedade que formulou uma narrativa específica sobre relações raciais entre negros e brancos” (Moreira, 2019, p. 63).

Lidar com esse tipo de atitude por parte de educadores é uma tarefa bem difícil e incômoda. Em alguns momentos foi necessária intervenção, reunindo direção da escola, coordenação de Educação Escolar quilombola, funcionários que sofreram racismo e agressores, para uma mediação e registro do ocorrido. Nenhum funcionário quis denunciar criminalmente o agressor, apesar de terem nos procurado para relatar o que aconteceu.

Além do racismo recreativo, temos o racismo estrutural enraizado em nossa sociedade. O debate sobre racismo estrutural no Brasil tem como expoente o professor e atual ministro dos Direitos Humanos e Cidadania, Sílvia Almeida, que denuncia o mito da democracia racial e mostra como existiu um projeto de eliminação da população negra no pós-abolição, que reflete até os dias atuais. O Autor do livro “Racismo Estrutural” afirma que esse tipo de racismo é algo normalizado na nossa sociedade, constituindo as ações conscientes e inconscientes dos indivíduos. Ele salienta também que as instituições são racistas e que é dever de negros e brancos combater esse racismo que ocupa essas instituições.

Por outro lado, o professor, jornalista e sociólogo Muniz Sodré defende que o racismo é institucional. Para ele, para manter a população negra como subalternos, criou-se um racismo de dominação que visa manter as relações hierarquizadas. Esse racismo seria uma forma fascista de ser, o que ele explicita no seu livro “Fascismo de cor”. O racismo que progride após a abolição independe do Estado, mas depende de instituições como religião, família, exército e escola, por exemplo. Dito isso, ele estaria ligado ao legado cultural e social que se mantém e reproduz na sociedade.

Nas formações que fazemos na escola sempre levamos casos de racismo em diversas situações para estudo de caso, na expectativa que compreendam a gravidade das atitudes. Alguns ainda resistem à mudança, inclusive defendendo o racismo reverso, baseando-se em fontes como o canal de Youtube *Brasil Paralelo*, dentro de uma direção conservadora.

Nilma Lino Gomes, em “Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação”, debate a dificuldade de as escolas abordarem a questão racial,

Ainda encontramos muitos(as) educadores(as) que pensam que discutir sobre relações raciais não é tarefa da educação. É um dever dos militantes políticos, dos sociólogos e antropólogos. Tal argumento demonstra uma total incompreensão sobre a formação histórica e cultural da sociedade brasileira. E, ainda mais, essa afirmação traz de maneira implícita a ideia de que não é

da competência da escola discutir sobre temáticas que fazem parte do nosso complexo processo de formação humana. Demonstra, também, a crença de que a função da escola está reduzida à transmissão dos conteúdos historicamente acumulados, como se estes pudessem ser trabalhados de maneira desvinculada da realidade social brasileira (Gomes, 2005, p.146).

Em 2023, tivemos um retrocesso no que diz respeito à formação continuada dos professores(a) da escola quilombola. Vale ressaltar que o Art. 53 das Diretrizes de Educação Escolar Quilombola determinam que os professores que atuam nessa modalidade de ensino tenham formação articulada à realidade das comunidades.

O fato é que, em 2023, não conseguimos entrar em um consenso sobre essa formação. Os docentes da rede devem participar de um encontro mensal que faz parte de sua redução de carga horária e é oferecido pela Secretaria de Educação de São Pedro da Aldeia. Essas formações são chamadas de Formações de Área. Ao montar seus horários nas escolas a cada ano, o professor tem um dia de curso, que varia de acordo com o componente curricular e o ano de escolaridade que leciona.

No ano de 2022, os professores da escola quilombola fizeram formação específica de Educação Quilombola, porém, diante da dificuldade de organizar horários que atendessem aos professores, não conseguimos reunir todo o corpo docente no ano seguinte. Os debates sobre o currículo aconteceram dentro das reuniões pedagógicas mensais, nas quais dividíamos o tempo com a supervisão pedagógica e direção.

Já em 2024, conseguimos acordar com as outras coordenações pelos menos três formações de Educação Quilombola ao ano, o que não é ideal. Seria necessário mais tempo com os professores, mas esbarramos na burocratização das formações pela instituição.

Isso nos leva a um outro problema, que é a não continuidade do corpo docente, já que vários professores são contratados, inclusive professores quilombolas que nem sempre conseguem a renovação do contrato. Todo ano a escola recebe profissionais que não conhecem a proposta da escola, nem a história do quilombo. Isso também ocorre com os orientadores educacionais e supervisores escolares que são lotados na Secretaria de Educação e todo ano fazem sua escolha de escola.

Sabemos que a realidade dos professores no Brasil é marcada por uma desvalorização e baixos salários. Um educador (a), para manter seu sustento, precisa trabalhar em mais de uma escola, muitas vezes não tendo tempo para preparar aulas de



qualidade, nem recursos para comprar livros e fazer cursos de aperfeiçoamento. Todos esses fatores acabam desmotivando o profissional, tornando-se também um empecilho ao trabalho.

Além disso, realizamos no ano de 2022, Silvia e eu, encontros com a equipe de apoio, por entendermos que todos os funcionários e funcionárias da escola são educadores e referência para os alunos, como também com os responsáveis, ressaltando a importância de todos e todas participarem dessa construção do currículo e da reformulação do Projeto Político Pedagógico. Na ocasião, explicamos aos pais o que é a Educação Escolar Quilombola e a importância da valorização da história local no currículo. Esse momento foi importantíssimo, já que nem todos os alunos são quilombolas e, portanto, nem todas as famílias conhecem a história da comunidade e a importância de sua abordagem em sala de aula.

**Figura 6** - Reunião com os responsáveis sobre o currículo quilombola diferenciado realizada no dia 27 de agosto de 2022.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

Segundo Nilma Lino Gomes, no artigo “Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos”, descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar. Ela reforça a denúncia sobre o caráter conteudista dos currículos e a necessidade da escola dialogar com a realidade social. Precisamos romper com o



silenciamento de culturas negras nos currículos escolares. Para isso, também é necessário refletir sobre a formação dos professores e professoras, de forma que sejam agentes dessa transformação.

As escolas refletem os problemas sociais de nossa sociedade e o racismo e as várias formas de discriminação estão presentes no cotidiano escolar, se apresentando de uma forma tão perversa que destroem a autoestima das crianças negras e reforçam a de alunos mais claros. O silenciamento que lhes é imposto desde cedo e a negligência com que essas práticas de violência são tratadas muitas vezes são determinantes para o fracasso escolar dos alunos, gerando reprovação e evasão escolar.

Precisamos romper com os silêncios. Djamila Ribeiro nos chama a atenção para isso em uma palestra realizada no TED X São Paulo Salon<sup>30</sup>, na qual a filósofa denuncia a imposição de uma voz única e o silenciamento que é forçado às pessoas negras em nossa sociedade. Ela usa a sua própria trajetória como exemplo, ao relatar que não se via nos materiais didáticos e como afetou sua autoestima o silêncio das professoras em relação às violências que aconteciam dentro do ambiente escolar.

Em o “Pequeno Manual Antirracista”, Djamilla Ribeiro chama atenção para a “rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar” (Ribeiro, 2019, p. 62). A autora denuncia o epistemicídio e o silenciamento imposto a grupos que foram marginalizados. É fundamental que a história seja contada pelos povos que a construíram.

Segundo Eliane Cavallero, “Falar sobre a discriminação no ambiente escolar não é realizar um discurso de lamentação. Mas dar visibilidade à discriminação de que crianças e adolescentes negros são objetos[...]” (Cavalleiro, 2001, p. 7). A autora ainda chama a atenção para o fato de as tradições africanas e afro-brasileiras serem negadas, o que também é uma face do racismo nas escolas. Nessa perspectiva, o uso de biografias é uma excelente ferramenta de empoderamento.

Constatei ao longo desses dois anos, após as leituras que fiz, das vivências, reflexões e das escutas, a importância de falar. Deixar os professores falarem e se escutar é fundamental. Escutar um ao outro e falar sobre o racismo como forma de entender como ele opera no ambiente escolar e na sociedade.

---

<sup>30</sup> Palestra disponível no endereço <https://youtu.be/6JEdZQUmdbc>. Acesso em: 20 jun. 2023.

## 2.2. NÃO EXISTE EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA SEM A COMUNIDADE

As estratégias para a Educação Escolar Quilombola devem ser construídas no processo de cada comunidade e pode ser variado. Elas vão desde trabalhar árvore genealógica até a contação de histórias, mas o fato é que não existe Educação Quilombola sem diálogo com a comunidade. Esse é o princípio básico dessa Educação e deve ser respeitado.

Uma estratégia utilizada na escola é analisar a história da comunidade a partir das biografias de quilombolas da Caveira, em especial Dona Rosa Geralda da Silveira. O uso de biografias foi defendido por mim e aceita como estratégia para a Educação Escolar Quilombola da escola.

É perceptível uma mudança metodológica quando analisamos constatações feitas por Sores, D. G.; Maroun, K.; Soares, A. (2022) sobre a escola:

Desde a nossa entrada em campo em 2017, chamou-nos atenção o fato de os sentidos atribuídos à EEQ apresentados pela escola estarem associados a elementos não propriamente locais ou comunitários, como o cotidiano da comunidade ou o histórico das lutas de Caveira. Os sentidos evocados por seus símbolos, imagens expostas nas paredes da escola, festividades, literatura e material didático referiam-se a elementos gerais associados ao quadro interpretativo dos movimentos negros ou das buscas da ancestralidade africana. Especialmente, duas matrizes de significado correntes na construção de seu currículo em ação foram, por nós, distinguidas no acompanhamento etnográfico que fizemos entre os anos de 2017 e 2018, quando estivemos dentro da escola[...] (Soares, Maroun, Soares, A., 2022, p. 10)

A ideia de utilizar trajetórias de vida veio com a realização do *I Seminário de Educação Escolar Quilombola*, que foi resultado de uma parceria com pesquisadores da UFRJ e UFF, os quais haviam iniciado uma pesquisa no Quilombo da Caveira em 2017. Esses pesquisadores desejavam dar retorno à comunidade, realizando dois produtos, dos quais um deles seria um seminário e o outro um documentário.

Na época que iniciaram a pesquisa, haviam recebido autorização da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) para a realização de um seminário, mas não havia no projeto menção ao documentário. Dessa forma, o grupo precisou anexar um adendo solicitando autorização, para gravar dentro da escola, ao comitê de Ética da Secretaria Municipal de Educação, do qual faço parte. Essa autorização foi demorada e com muitos embates, mas enquanto a questão se resolvia, começamos a organizar o *I Seminário de Educação Escolar Quilombola*, que sem dúvidas foi um divisor de águas para a escola.

O Seminário aconteceu nos dias 18 e 19 de março em dois locais diferentes. O primeiro dia foi na quadra da E.M. Maria Celeste e aberto a um público maior e, no segundo dia, ocorreu no corredor da E.M. Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira com um número reduzido de vagas. Tivemos que fazer esses arranjos devido à estrutura da escola. O público-alvo do evento no primeiro dia foi a comunidade Escolar do Quilombo da Caveira, professores da rede, membros do movimento negro e representantes quilombolas da Região dos Lagos. Já no segundo dia, o foco foi a Comunidade Escolar, famílias e lideranças do Quilombo da Caveira.

No dia 18 de março pela manhã tivemos a primeira mesa, intitulada “Conhecer e Reconhecer a Educação Escolar Quilombola: a EMQDRG em foco”, cujos palestrantes foram a Direção e funcionários da escola. Também tivemos apresentação de capoeira dos alunos do 5º ano com o professor de capoeira da escola. A mediação dessa mesa foi feita pela professora e coordenadora Sílvia Rohem.

Ainda pela manhã ocorreu a mesa “Achados de pesquisa sobre o processo de construção social da EMQDRG”, com os palestrantes David Gonçalves Soares (UFF) e Sr. Robertão, presidente da Associação de Remanescentes do Quilombo da Caveira. Nessa mesa eu fui a mediadora.

Na parte da tarde tivemos a mesa “Direitos, avanços e desafios na construção e implementação das políticas públicas para comunidades quilombolas”, e os palestrantes foram José Maurício Arruti (Unicamp) e Amanda Lacerda Jorge (UFF), com mediação de Kalya Maroun (UFRJ).

No dia 19 de março iniciamos o dia com a primeira roda de conversa com o título “Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola: diálogos e experiências entre comunidades, escolas e secretarias de educação”, com as palestras de Edileia Carvalho (UFRRJ) e Emerson Ramos do Quilombo de Santa Rita do Bracuí, com mediação de Kalya Maroun. Já a segunda roda de conversa sobre Etnosaberes e Educação Escolar Quilombola contou com Suely Dulce de Castilho – UFMT e Victor Giraldo – UFRJ, com mediação de Antônio Jorge Gonçalves Soares. Encerramos o evento na parte da tarde com um debate coletivo.

A partir do I Seminário, conseguimos traçar com a equipe pedagógica de que forma poderíamos trabalhar a valorização das histórias e memórias da comunidade. Em uma das falas do professor José Maurício Arruti, ele disse que estávamos tentando buscar um currículo para a escola, mas que D. Rosa Geralda da Silveira por si só já era o currículo.

**Figura 7** - Segundo dia do I Seminário de Educação Escolar Quilombola, na E. Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira, no dia 19 de março de 2022.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

**Figura 8** - Roda de Conversa com pesquisadores, comunidade da Caveira, representantes de outras comunidades quilombolas e funcionários da escola, no Segundo dia do I Seminário de Educação Escolar Quilombola, na E. M. Q. Dona Rosa Geralda da Silveira.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

**Figura 9** - Foto tirada no segundo dia I Seminário de Educação Escolar Quilombola, na E. Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira, no dia 19 de março de 2022.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

A partir do momento em que comecei a ter mais acesso aos anciãos, como o Sr. João dos Santos, pai da professora Maria das Graças dos Santos, avalei que o Currículo não deveria ter apenas D. Rosa como protagonista, mas outros anciãos da comunidade também, uma vez que são referências para a história local. Isso veio das falas dos quilombolas nas minhas visitas de campo, em que demonstraram certo descontentamento de pessoas importantes da comunidade não serem tão valorizadas como Dona Rosa Geralda. Segundo eles, a decisão sobre o nome da escola foi do Presidente da Associação e a comunidade não teria sido consultada.

Na escola também ouvi por diversas vezes críticas a Dona Rosa, o que pode representar a reprodução do machismo na nossa sociedade. Até que ponto as críticas não são pelo fato de uma mulher ser o símbolo da luta de uma comunidade? Mesmo vendo a necessidade de trazer outras personalidades à cena, optei por priorizar trajetórias de mulheres.

Diante destas colocações, pensei em uma forma de usar essas trajetórias de vida em sala de aula e em um projeto que pudesse valorizar outros protagonistas e contemplar seus anseios. O resultado foi a participação dos anciãos na Festa da Consciência Negra no mesmo ano. Na ocasião, conduzi a roda de conversa com esses anciãos, e este momento foi registrado pelo fotógrafo Mário Márcio, que realizou



uma gravação do evento. Também participaram uma ex-aluna chamada Camilly Santos Souza, que declamou um poema de Dona Rosa, a filha de Dona Rosa, Nanci Geralda da Silveira, e a quilombola Ana Flávia Rocha da Silveira.

**Figura 10** - Homenagem aos anciãos na roda de conversa na Festa da Consciência Negra - Novembro de 2022.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

**Figura 11** – Sr. João dos Santos (84 anos) na Festa da Consciência Negra da E.M.Q. Dona Rosa Geralda da Silveira, no dia 19 de novembro de 2022.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

**Figura 12** - D. Maria Santos (89 anos) na Festa da Consciência Negra da E.M.Q. Dona Rosa Geralda da Silveira, no dia 19 de novembro de 2022.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

No *I Seminário de Educação Escolar Quilombola* percebemos uma falta de interesse da gestão da Secretaria de Educação da época, visto que os seus representantes não foram prestigiar o evento no dia em que ocorreu na escola e não tivemos a presença do Secretário de Educação da época. O que se perpetua até hoje nos eventos que acontecem na escola.

No início de 2023 criei o calendário quilombola para ser exposto em todas as salas de aula. O objetivo era a valorização de pessoas importantes da comunidade. Dessa forma, cada mês tem a fotografia de uma dessas pessoas. Todas as salas da escola têm o calendário que já foi atualizado para 2024.

Figura 13 - Calendário quilombola.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Um outro material criado por Silvia e eu foi o Alfabeto Quilombola, que também está exposto em todas as salas. Buscamos colocar palavras que façam parte do contexto dos alunos e da história da comunidade. Nossa ideia é que os alunos possam ir acrescentando novas palavras ao longo do ano.



**Figura 14** - Print de algumas palavras do alfabeto quilombola.

Pp Pp



**PILÃO**

Qq Qq



**QUILOMBOLAS**

Rr Rr



**ROSA**

**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

Nos projetos desenvolvidos pela escola busca-se sempre valorizar essas personalidades importantes do Quilombo da Caveira, como também ocorreu no desfile cívico do 16 de maio de 2023, em comemoração ao aniversário da cidade de São Pedro da Aldeia. O desfile é realizado todos os anos sob a organização da Secretaria Municipal de Educação, exceto durante os anos de distanciamento social devido à pandemia do Covid 19. Todas as escolas participam e cada uma desenvolve um tema. Entre os temas deste ano destacam-se “reencontrar a alegria daqueles que movem o mundo”, “Reencontrar a alegria com a união de diferentes sorrisos”, “reencontrar a alegria na magia da literatura”, entre outros. A E.M. Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira ficou no grupo de escolas cujo tema era “A Educação é a arma mais poderosa que podemos usar para mudar o mundo”.

A princípio, a Direção da escola, juntamente com a equipe de assessoramento, pensou em mostrar, no desfile, a chegada dos escravizados e o contexto da fazenda Campos Novos, mas Sílvia e eu argumentamos que não seria correto mostrá-los no desfile como escravizados, mas sim como protagonistas nos pós abolição. Também decidimos, juntas com a equipe de assessoramento e direção, mostrar as ações pedagógicas realizadas na escola, como o alfabeto quilombola, a utilização de literatura infantil antirracista, aula de capoeira, entre outras, com foco sempre na valorização da história de luta e resistência da comunidade.

**Figura 15** - Homenagem às personalidades do Quilombo no Desfile Cívico do dia 16 de maio de 2023, em comemoração ao aniversário de São Pedro da Aldeia.



**Fonte:** Instagram da E.M.Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira<sup>31</sup>.

A equipe da escola também havia decidido colocar um pelotão de frases racistas. Argumentei que, num desfile rápido e sem explicação, talvez a mensagem não fosse bem compreendida. A melhor opção seria mostrar que a expressão não é correta, assim o pelotão ficou com expressões como “Minha beleza não é exótica”, “Negro com traços finos não é um elogio”, “Meu cabelo não é bombril”, “não sou moreno”. A reação das pessoas que assistiam foi de muito entusiasmo.

---

<sup>31</sup> Disponível em: <https://instagram.com/emquilomboladonarosa?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso em 07 mar. 2024.

**Figura 16** - Pelotão de combate a expressões racistas, no Desfile Cívico do dia 16 de maio de 2023, em comemoração ao aniversário de São Pedro da Aldeia.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

**Figura 17** - Pelotão de combate a expressões racistas, no Desfile Cívico do dia 16 de maio de 2023, em comemoração ao aniversário de São Pedro da Aldeia.



**Fonte:** Instagram da E.M. Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira<sup>32</sup>.

<sup>32</sup> Disponível em: <https://instagram.com/emquilomboladonarosa?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso em 07 mar. 2024.



**Figura 18** - Maria, professora quilombola da família Santos. Ao seu lado, a aluna da escola homenageando a tia da professora, D. Maria, no Desfile Cívico do dia 16 de maio de 2023, em comemoração ao aniversário de São Pedro da Aldeia.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

**Figura 19** - Alfabeto Quilombola criado pela Coordenação de Educação Escolar Quilombola, no Desfile Cívico do dia 16 de maio de 2023, em comemoração ao aniversário de São Pedro da Aldeia.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

**Figura 20** - Desfile Cívico do dia 16 de maio de 2023, em comemoração ao aniversário de São Pedro da Aldeia.



**Fonte:** Instagram da E.M. Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira<sup>33</sup>.

**Figura 21** - Algumas ações realizadas na escola, no Desfile Cívico do dia 16 de maio de 2023, em comemoração ao aniversário de São Pedro da Aldeia.



**Fonte:** Instagram da E.M. Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira<sup>34</sup>.

<sup>33</sup> Disponível em: <https://instagram.com/emquilomboladonarosa?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso em 07 mar. 2024.

<sup>34</sup> Disponível em: <https://instagram.com/emquilomboladonarosa?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso em 07 mar. 2024.

Ver essas personalidades importantes representadas no desfile cívico significou muito para a comunidade, o que era visível nos que estavam presentes, como nos familiares que compartilharam fotos nas redes sociais enfatizando a importância da homenagem. Na página do *Facebook* de Jandir dos Santos, filho de D. Maria dos Santos e Sr. Genil Silveira Dutra, homenageados no desfile, foi feita a seguinte postagem: “Imagens de nossos heróis e heroínas quilombolas que foram expostas no desfile de aniversário da cidade de São Pedro da Aldeia”<sup>35</sup>.

Jandir dos Santos me relatou que ficou emocionado com a visibilidade que os representantes quilombolas tiveram no desfile cívico, onde foram mostradas várias fotos de diversos líderes quilombolas da comunidade. Segundo ele, essa atitude foi muito importante para mostrar que essas pessoas são importantes não apenas para o quilombo, mas também para São Pedro da Aldeia e toda a região dos lagos. Em entrevista que realizei por *WhatsApp* com Jandir dos Santos, de 53 anos, no dia 20 de novembro de 2023, ele demonstrou o orgulho que sentiu, dizendo: “É de suma importância que nossos jovens que estudam na escola quilombola possam replicar e se orgulhar como eu me orgulho da história de todos esses homens e mulheres pretos e pretas que sempre lutaram em defesa da nossa história, da nossa cultura e em defesa de nosso território”.

No *II Seminário de Educação Escolar Quilombola*, realizado no dia 12 de maio de 2023, dessa vez sem o auxílio e financiamento da Faperj, como havia ocorrido no ano anterior, mais uma vez percebemos a falta de interesse da Secretaria de Educação com a escola e com a Educação Escolar Quilombola. A SEMED não fez divulgação do evento, nem demonstrou interesse na sua realização. Além disso, não permitiu que os alunos assistissem ao espetáculo de dança cenográfica “Vai buscar quem mora longe” da Cia Cris Camargo e “Os Donos da Rua”, Prêmio Machine – Bastidores do Carnaval, alegando que os pais reclamariam da apresentação.

O espetáculo em questão narra a trajetória dos sons que nasceram com os tambores nas senzalas e quilombos, atravessaram o Rio de Janeiro no pós-abolição, subiram morros e se espalharam pela região portuária e periférica da cidade. Do jongo

---

<sup>35</sup> Link da postagem feita por Jandir dos Santos em sua página do *Facebook*, disponível em: [https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=pfbid0cSAipmscrhqwBMhz9zrUtvIRx-sWsqggVboRGhgGtfXTsoKbo4EC1iqfhPydeV9Ngl&id=100002637960566&mibextid=Nif5oz](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid0cSAipmscrhqwBMhz9zrUtvIRx-sWsqggVboRGhgGtfXTsoKbo4EC1iqfhPydeV9Ngl&id=100002637960566&mibextid=Nif5oz). Acesso em 07 mar. 2024.

até o samba de enredo das escolas de samba, o espetáculo é voltado ao resgate das nossas raízes<sup>36</sup>.

A justificativa para a apresentação enviada por e-mail pelo grupo era o fato de a escola ter o nome de uma antiga moradora quilombola e líder sindical, conhecida na região como Dona Rosa da Farinha. Nesse contato, ainda ressaltaram acreditarem poder encurtar pontes e caminhos através da cultura, arte e educação, sem qualquer custo para a escola.

A apresentação a princípio foi autorizada, mas a direção da escola, receosa da reação da comunidade escolar devido ao fato de serem protestantes e da faixa etária dos alunos, não permitiu a apresentação na unidade escolar. Nós da coordenação encontramos como solução oferecer para que o grupo se apresentasse no II Seminário. Porém, a Secretaria de Educação não autorizou que os alunos assistissem. Eles só puderam entrar no evento após o término do espetáculo.

Posteriormente à apresentação do espetáculo, tivemos a Mesa 1 com o tema Educação escolar quilombola: experiências possíveis para uma escola em construção. Essa mesa teve a participação dos jovens estudantes quilombolas Mim Dutra e Samir Dutra, de Kalya Maroun (UFRJ) e minha, com mediação de Antônio Jorge Soares (UFRJ).

Na parte da tarde, tivemos a exibição do documentário Rosa do Quilombo e a participação do Sr. Roberto dos Santos e Sr. João dos Santos falando sobre a história da comunidade. Em seguida, tivemos a palestra de Luiz Guilherme Scaldaferrri Moreira sobre o Primeiro indígena universitário do Brasil. Finalizando o evento, ocorreram as palestras de Rafa Quilombola com o tema “Quilombos em movimento” e de Wagner Muniz sobre “Cidadania e Direitos”, com mediação de Silvia Rohem. Rafa e Wagner são jovens quilombolas ativistas que atuam na pauta dos Direitos Humanos.

---

<sup>36</sup> Trecho da sinopse que foi enviada pelo grupo à Secretaria de Educação no dia 13 de fevereiro junto ao pedido de autorização para a apresentação.



**Figura 22** - Cia Cris Camargo e “Os Donos da Rua” no II Seminário de Educação Escolar Quilombola realizado no dia 12 de maio de 2023. Como foi a reação da comunidade?



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

**Figura 23** - II Seminário de Educação Escolar Quilombola, realizado no dia 12 de maio de 2023.<sup>37</sup>



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

<sup>37</sup> No centro da foto está o Sr. João dos Santos, um dos fundadores da Associação de remanescentes de quilombo Botafogo-Caveira e sentado à sua direita o Sr Robertão, atual presidente da Associação,



**Figura 24** - Mesa Cidadania e Direitos com os jovens palestrantes quilombolas Wagner Muniz e Rafa Quilombola no II Seminário de Educação Escolar Quilombola, realizado no dia 12 de maio de 2023.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

A Secretaria de Educação forneceu um lanche, que conseguimos com muita dificuldade – e, não seria exagero dizer, certa humilhação -, um banner e colocaram o som e o telão para projeção. Porém, tivemos dificuldades básicas, como conseguir as bandeiras para a cerimônia de abertura do evento, já que nos foi negado o empréstimo pela própria secretaria. Todos os palestrantes participaram como voluntários, sem receber nenhuma ajuda de custo, nem para transporte, nem para alimentação. Também tivemos transtornos com a Escola Municipal Professora Miriam Alves Macedo Guimarães – Cívico-Militar, que visivelmente não estava satisfeita com o empréstimo do auditório para o seminário. Digo isso porque nem a limpeza do espaço foi feita e tivemos muitas dificuldades de comunicação com a equipe da escola, incluindo os militares.

Outra situação ocorrida foram as ligações dos pais dos alunos da escola para reclamar que não autorizaram os filhos a participarem de “macumba”. Isso porque ouviram pelo pátio e na hora do recreio o som dos tambores do espetáculo e ligaram para os responsáveis. Eu sinceramente achei que seríamos retiradas da coordenação depois desse evento.

Outra demonstração do currículo quilombola sendo posto em prática foi o evento de Consciência Negra, realizado no dia 18 de novembro de 2023. A professora

de Artes Roseli Belloti construiu um baobá com as fotografias dos anciãos. Os registros mostram várias gerações de famílias fundadoras no evento da escola.

**Figura 25** - Várias gerações da família do Sr. Afonso na comemoração do Dia da Consciência Negra, em 28 de novembro de 2023.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

**Figura 26** - Parte da família Santos na comemoração do Dia da Consciência Negra, em 28 de novembro de 2023.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

**Figura 27** - Várias gerações das famílias quilombolas representados segurando as fotos dos anciãos, na comemoração do Dia da Consciência Negra, em 28 de novembro de 2023.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

Também no Consciência Negra, realizado no dia 18 de novembro de 2023, fizemos um momento de conversa com os responsáveis da Educação Infantil com o tema “Por uma infância sem racismo”. Na ocasião, Silvia e eu conversamos com os responsáveis sobre o impacto do racismo na vida das crianças e como ele é prejudicial na vida escolar, podendo causar baixo desempenho, reprovação e evasão. Pedimos auxílio das famílias para que reforcem em casa o que é trabalhado na escola e evitem reproduzir falas racistas no ambiente familiar, já que muitas crianças nos relataram receber apelidos em casa que os machucam. Além disso, ninguém nasce racista, ele é apreendido em sociedade.



**Figura 28** - Conversa com os responsáveis no sábado letivo correspondente ao Dia da Consciência Negra, no dia 18 de novembro de 2023. Tema: Por uma infância sem racismo.



**Fonte:** Página da Secretaria de Educação de São Pedro da Aldeia<sup>38</sup>.

O contato da nossa coordenação com os alunos também acontece, tentamos sempre que possível participar dos projetos gerais da escola. Logo que entramos em 2021, fizemos atividades com os alunos na semana da Consciência Negra. Na ocasião, fiz um vídeo que foi narrado pela minha filha, Julia, sobre a luta do movimento negro e quilombola e jogos como jogo da memória, cruzadinha e jogo dos sete erros. Na época, as aulas estavam retornando no formato híbrido e não foi possível abrir a escola à comunidade.

O roteiro da atividade foi o seguinte:

- Apresentação de vídeo educativo sobre a História da Luta das comunidades quilombolas e a resistência do povo negro;
- Diálogo com os alunos sobre o significado das comunidades quilombolas, em especial do Quilombo Caveira;
- Jogos educativos adaptados.

---

<sup>38</sup> Disponível em: [https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=pfbid0CPgggXE11QWpAPFjZmUru-chPLxxCZqCbVaECVfUT2UYWH8gok8gZmixcN7fT5PCKI&id=100054425757183&mibextid=Nif5oz](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid0CPgggXE11QWpAPFjZmUru-chPLxxCZqCbVaECVfUT2UYWH8gok8gZmixcN7fT5PCKI&id=100054425757183&mibextid=Nif5oz). Acesso em 07 mar. 2024.

**Figura 29** - Apresentação do vídeo sobre o Dia da Consciência Negra para os alunos, em novembro de 2021.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

**Figura 30** - Jogos pedagógicos na Semana da Consciência Negra – novembro de 2021.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

Também realizamos, Silvia e eu, rodas de conversa com os alunos do 5º ano sobre bullying e racismo nos anos de 2022 e 2023. Na primeira roda de conversa, em 14 de julho de 2022, iniciamos com uma fábula para reflexão, a “Fábula da Ratoeira”, com o objetivo de refletirmos sobre a importância de nos preocuparmos com os outros, já que, quando vivemos em coletividade, um problema afeta a todos. Em seguida,

utilizamos vídeos sobre os temas, a partir dos quais os alunos puderam refletir e expressar seus sentimentos numa roda de conversa. No final, fizemos um correio elegante, no qual escreveram acrósticos para dois colegas de turma que estavam do seu lado direito e esquerdo, exaltando suas qualidades. Dessa forma, todos receberam duas mensagens. O objetivo foi a troca de elogios para que percebessem que todos são especiais e diferentes.

**Figura 31** - Roda de conversa realizada no dia 14 de julho de 2022.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

A segunda roda de conversa aconteceu no dia 30 de março de 2023. Assistimos vídeos sobre bullying e racismo e, no final, os alunos e alunas produziram mensagens positivas para combater esse tipo de atitude em sala de aula e na sociedade. Vários alunos disseram que sofrem tais situações no próprio ambiente familiar com parentes que colocam apelidos.



**Figura 32** - Roda de conversa no dia 20 de março de 2023.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

No papel de coordenadoras de Educação Escolar Quilombola e representantes da SEMED, apontamos, nos relatórios mensais que são enviados à Coordenação Geral de Políticas Pedagógicas através de nosso e-mail institucional, a falta de infraestrutura na escola que não possui sequer uma quadra poliesportiva e um parquinho para uso dos alunos. Também faltam funcionários e existem problemas estruturais sérios, como a caixa de gordura que transborda e dificulta o trabalho das merendeiras nos preparos dos alimentos. O piso do chão estufa e solta, podendo causar acidentes. Presenciamos isso ocorrer no dia da conversa com os pais, no dia 18 de novembro. Outro problema que dificultou por anos o desenvolvimento dos trabalhos na escola era a falta de internet, problema esse que já foi resolvido.

Outro grande desafio enfrentado é a falta de recursos. Todo investimento em livros, materiais e participação em congressos e cursos é custeado por nós mesmas. Não existe investimento algum da rede com o Ensino das relações étnico-raciais e nem com a Educação Quilombola, além do pagamento de nossos salários. Diante de todos os obstáculos, inúmeras vezes pensei em desistir. Porém, acredito que desistir faz parte de um projeto político de silenciamento desses grupos por governos conservadores que proíbem que temas sensíveis sejam debatidos nas escolas. Acredito que, ocupando espaços como esses, uma educadora socialmente branca como eu, com compromisso com uma educação antirracista, pode fazer alguma diferença, “não há

nenhuma “harmonia” e nem “quietude” e tampouco “passividade” quando encaramos, de fato, que as diferentes culturas e os sujeitos que as produzem devem ter o direito de dialogar e interferir na produção de novos projetos curriculares, educativos e de sociedade.” (Gomes, 2012, p. 105). Afinal, não adianta afirmar que há harmonia, que tudo está bem, temos que fazer barulho, incomodar. Dessa forma, me movimento na luta a favor de uma educação quilombola e antirracista.



### 3. QUILOMBO DA CAVEIRA ESTÁ ON: MATERIAL PEDAGÓGICO E ACERVO PÚBLICO DISPONÍVEIS NO WEBSITE

O último capítulo da dissertação tem a finalidade de apresentar a construção do *website* como ferramenta pedagógica para o ensino da história do Quilombo da Caveira, como também a sua aplicabilidade. Mesmo antes da finalização da dissertação, o *website* já era utilizado pelos professores(as) da E.M. Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira e por professores de outras escolas da rede municipal de Educação de São Pedro da Aldeia.

O corpo docente da escola é composto em sua maioria por professoras, tendo apenas um professor, que é efetivo, ou seja, concursado e lotado na escola. Nas outras unidades escolares de Ensino Fundamental anos iniciais o perfil é o mesmo, as mulheres predominam nessa etapa da Educação Básica.

A escolha pela construção desse recurso pedagógico vem dos relatos das professoras e do professor da escola, de suas dificuldades em planejar aulas sobre a história da comunidade. Segundo eles, é difícil encontrar material para uso em sala de aula.

Ao longo da pesquisa, encontrei artigos e dissertações sobre Caveira, como também publicações em livros e documentários. Constatei que a dificuldade do corpo docente é transformar o conhecimento produzido em recurso para sala de aula, adaptando ao currículo e à faixa etária dos alunos. Dessa forma, a compilação de material, planos de aula e atividades no site seria um facilitador para o corpo docente.

O *website* foi construído no *Google sites*, porque considero uma ferramenta de criação fácil de editar e que tem os recursos necessários. Nesse processo de criação, testei uma hospedagem no provedor *Hostinger*, utilizando o *WordPress*. Porém, achei difícil utilizar essa ferramenta e, como o meu objetivo era um site fácil de ser alimentado e editado, optei pelo *Google Sites* e comprei o domínio, com recursos próprios, [www.quilombocaveira.com](http://www.quilombocaveira.com). Para construí-lo, assisti tutoriais no *Youtube*.

Além de recurso pedagógico para os professores, o *website* também servirá de acervo para a comunidade quilombola da Caveira, principalmente no que diz respeito à escola quilombola, um marco nas conquistas do Quilombo. A proposta é articular as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) com o ensino de História como uma possibilidade de colocar a tecnologia de comunicação a serviço de tornar visível e acessível a História do Quilombo da Caveira para docentes, discentes e toda

comunidade escolar, como também para fora dos muros da escola e até mesmo do quilombo.

Verena Alberti, em “Proposta de material didático para a história das relações étnico-raciais”, ressalta a importância do uso das TDICs, porém chama atenção que por si só elas não garantem a aprendizagem. Outro ponto de destaque é a relevância do estudo das fontes pelos alunos.

Alberti (2012) nos diz que a vantagem das TDICs está “no fato de tornarem possível disponibilizar um grande número de documentos, em diferentes formatos, como textos, filmes, arquivos de áudio e imagens” [...] e afirma que,

[...] Para garantir que determinada página na internet seja usada, é aconselhável que o material oferecido seja efetivamente necessário para professores e alunos. A ideia não é disponibilizar mais uma página que o professor provavelmente salvará entre seus ‘Favoritos’ sem retornar a ela depois. Por isso, é preciso que o conteúdo e as atividades oferecidas sejam relevantes do ponto de vista do currículo escolar e ofereçam oportunidades de aplicação em sala e de trabalho de casa, entre outras. (Alberti, 2012, p. 66)

Outra reflexão importante é o uso de recursos digitais no Ensino de História como ferramenta de uma Educação antirracista. É importante salientar, como demonstra Silva (2021) no capítulo “Letramento histórico-digital e o ensino de História”, que a produção de narrativas com sentido histórico deve ser priorizada quando se usa recursos digitais. As ferramentas digitais devem estar a serviço do ensino de história e não o contrário. Pensando numa perspectiva de Educação Democrática, é imprescindível a participação de todos e todas, já que a comunidade escolar faz parte do processo de aprendizagem.

Keila Grinberg e Anita Almeida em “Detetives do passado no mundo do futuro: divulgação científica, ensino de História e internet”, ressaltam que, apesar da ampla utilização da internet como acervo de documentos digitalizados, ainda é modesto o seu uso como ferramenta de ensino de história. As reflexões sobre ensino de história ainda são muito restritas ao espaço acadêmico.

A Intencionalidade ao produzir materiais e disponibilizá-los no *website* nunca foi a de fornecer a “receita de bolo” de uma educação escolar quilombola e antirracista. Pelo contrário, nas formações que Silvia e eu oferecemos e em todo material que produzi, a intenção foi sempre a de que os professores e professoras pudessem “caminhar com suas próprias pernas”. Ou seja, o objetivo sempre foi o Letramento Racial

e que eles compreendessem quais estratégias poderiam ser utilizadas em sala de aula e, a partir daí, criar seus próprios materiais.

O resultado já é visível na escola. Se, antes, muitas professoras achavam difícil conciliar a Educação Escolar Quilombola com o Ensino Formal institucionalizado, hoje algumas já compreendem que não são conhecimentos a parte, mas que devem estar intrínsecos a este conteúdo. Nesta tarefa, a estratégia mais usada foi o uso de biografias, algo que eu defendi ao longo desses anos e fui a campo buscar, como também outras informações, como por exemplo os alimentos cultivados na comunidade.

Uma conquista que me custou bastante empenho foi o samba enredo da escola Paz e Harmonia, de Cabo Frio, que fala sobre Botafogo e no refrão cita Dona Rosa Geralda como rainha local. Foram inúmeras ligações que fiz para conseguir, desde contato com liga de escola de samba, a jornalistas e sambistas. O samba enredo é utilizado na escola, principalmente perto do carnaval, como observado nos planos de aula disponíveis no site. É possível observar o currículo quilombola em prática nos planejamentos de professoras como Michelle Paes e Gisele Dutra.

A aprendizagem narrativa é um tipo de aprendizagem que se desenvolve na elaboração e na manutenção contínua de uma narrativa de vida ou de identidade (Goodson, 2007, p. 248). A busca por esse tipo de aprendizagem seria uma forma de aproximar o que é ensinado à realidade dos alunos e alunas e fazer com que eles se sintam mais atraídos pela escola, fazendo que o aprendizado faça sentido e tenha relação com a história de vida desses estudantes. Um material pedagógico baseado nas memórias dos quilombolas da Caveira seria uma possibilidade diante das limitações dos livros didáticos que acabam atendendo a uma lógica do mercado editorial e de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) homogeneizadora.

Trazer as experiências de vida da comunidade para sala de aula através dos relatos de luta pela terra, do papel das mulheres, da produção de alimentos e uso das ervas medicinais para homeopatia, não significa renunciar aos saberes formais necessários aos alunos e que a maioria deles só tem acesso na escola. O conhecimento especializado oferecido pelas escolas e que Michael Young (2007) chama de *conhecimento poderoso* também é extremamente importante e emancipatório para os alunos.

A professora quilombola e Doutora em Sociologia pela Unb, Givânia Maria da Silva, chama atenção em seu livro "Educação e luta política no quilombo de Conceição das Crioulas" para o fato de que a identidade é formada ao longo do tempo a partir de

processos sociais. Dessa forma, traz reflexões sobre a educação formal e informal mais conectadas com a identidade da comunidade. Nas palavras de Givânia,

Não estou advogando uma educação apenas focada nas questões quilombolas; ao contrário, proponho que seja ampla o suficiente para também refletir sobre as histórias, lutas e a identidade dos quilombos de forma afirmativa, na perspectiva de fortalecer a identidade desses grupos, gerando a possibilidade de fazer uma releitura da história do Brasil. (Silva, 2016, p. 51)

Importante referência para o meu produto foi o *website* Comunidade Quilombola tia Eva, construído por Jorge Ribeiro Diacópulos no âmbito do ProfHistória, com o objetivo de promover a visibilidade e relevância de Eva Maria de Jesus, liderança da comunidade Quilombola tia Eva, em Campo Grande, MS.

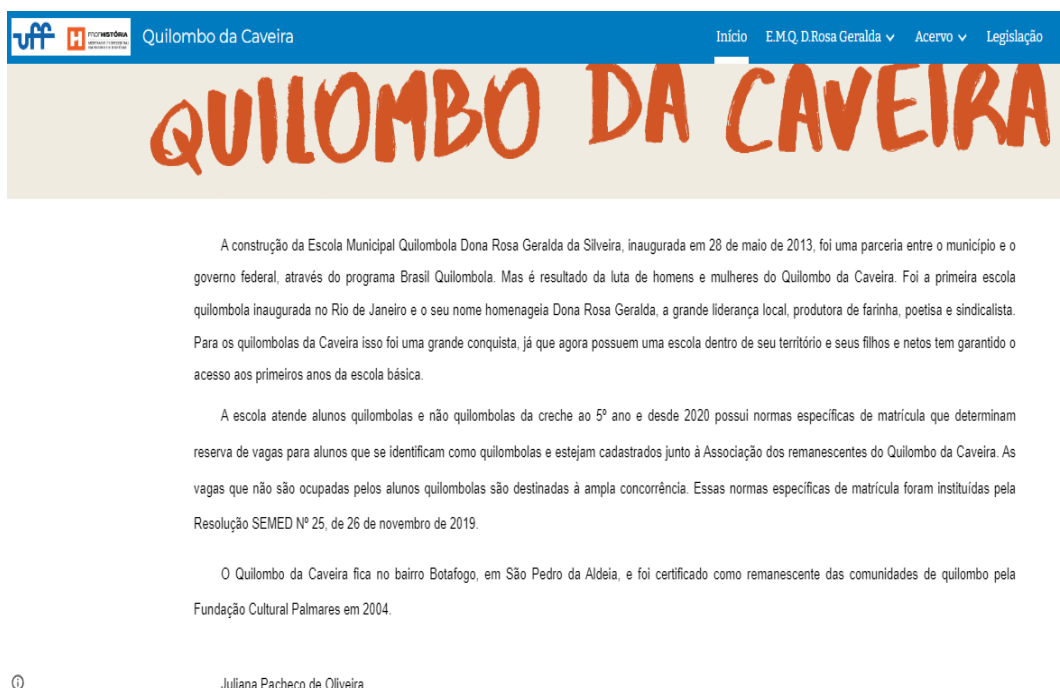
A escolha do material postado no site teve a intencionalidade de atender aos eixos temáticos que são trabalhados na escola. Eixos esses sugeridos pela coordenação quilombola, alinhados com a equipe de assessoramento da escola e aprovados pelos professores nas reuniões de discussão do PPP da escola. Dessa forma, tiramos o excesso de datas comemorativas e trabalhamos tudo em conjunto.

Os temas estão dispostos da seguinte forma no calendário da escola:

- 1º Trimestre: A representatividade das mulheres quilombolas de Caveira;
- 2º Trimestre: Meio Ambiente e o uso da terra;
- 3º Trimestre: Cultura e identidade no quilombo da Caveira.

O *website* Quilombo da Caveira conta na página inicial com a logomarca do Profhistória e da Universidade Federal Fluminense. A *logo* é o símbolo que identifica um site e costuma estar no canto superior esquerdo. Logo abaixo apresenta-se o conteúdo do site, Quilombo da Caveira e em seguida um breve resumo sobre a escola.

**Figura 33** - Print da página do website.



**Fonte:** *Website* Quilombo da Caveira, 2024.

Pensando na funcionalidade para os professores e professoras e o que também seria de utilidade para a comunidade quilombola da Caveira, dividi o site em seções principais e dentro dessas seções existem as subseções. Essas seções são: Escola Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira, Acervo, Legislação e links importantes.

Dentro da seção E.M.Q. Dona Rosa Geralda da Silveira, coloquei subseções que são: Material Pedagógico, Plano de aula, Atividades, Projetos e Eventos. Na seção Acervo, as subseções são: biografias, artigos e dissertações, fotos e vídeos. Nas seções legislação e links importantes não existem subseções.

Para facilitar a visualização dessas informações, dispus na página principal os links de menu, ou seja, em que parte o visitante pode encontrar o que busca. Dessa forma, essa foi a disposição:

**Figura 34** - Print da página do website.



**Fonte:** Website Quilombo da Caveira, 2024.

Abaixo da exposição desse menu de links que direcionam para as seções e subseções está uma parte importante do site que são os documentários. Ao clicar no ícone do documentário, o visitante é direcionado a página do *Youtube* do canal de origem.

O primeiro documentário disponibilizado no site foi um corte realizado por mim de um vídeo postado no *Youtube* da professora de biologia Elizabeth Franco, em 4 de março de 2017. Esse documentário de memórias de São Pedro da Aldeia foi uma parceria entre a prefeitura de São Pedro da Aldeia e a Emater. O corte foi feito para facilitar a utilização em sala de aula e nele aparecem apenas o depoimento de Dona Rosa Geralda da Silveira. O vídeo está postado no canal do *Youtube* Educação Antirracista, onde posto vídeos sobre a temática fora do site. O *website* Quilombo da Caveira apenas direciona para os respectivos canais nos quais os vídeos estão hospedados

Em seguida, está o documentário Rosa do Quilombo de direção de Carolina Maduro e um retorno para a comunidade da pesquisa realizada por Antônio Jorge Gonçalves Soares (UFRJ), Kalya Maroun (UFRJ) e David Gonçalves Soares (UFF).

O documentário foi gravado em março de 2022. Na época pude acompanhar a gravação feita na casa da filha de Dona Rosa, Nanci Geralda, no município de Cabo Frio, Rio de Janeiro, como também na estreia feita na comunidade.

**Figura 35** - Gravação do documentário Rosa do Quilombo, na casa de Nanci Geralda, no dia 21 de maio de 2022.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora. Foto de Luiz Antônio Guimarães.

**Figura 36** - Estreia do documentário Rosa do Quilombo para a comunidade da Caveira, no espaço de eventos de William dos Santos, no dia 12 de agosto de 2022.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.



Considero o documentário um importante produto para a comunidade e uma excelente ferramenta para uso da escola. Além das entrevistas com quilombolas, traz depoimentos dos funcionários da escola e opiniões de especialistas em Educação Escolar Quilombola e antropologia. Não menos importante foram as denúncias do descaso do poder público para com a escola.

O curta-documental Rosa, sob direção de Anna Fernanda, realizado por *En La Barca Jornadas Teatrais*, conta a história de vida de Dona Rosa. O curta alia trechos de depoimentos de Dona Rosa com os de Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gessiane Nazário, falando sobre a Fazenda Campos Novos e o Quilombo da Caveira e dramatização de atores.

O documentário “A Conquista”, do IPHAN, é um produto coletivo dos alunos da oficina de audiovisual, realizada no quilombo de 28 de outubro a 8 de novembro de 2013. O documentário traz os depoimentos de vários moradores sobre Dona Rosa e a história de resistência da comunidade. Um dos momentos da vida de Dona Rosa que é mostrado é quando ela foi intimada a comparecer à delegacia. Junto a ela foram os moradores de Caveira e de Campos Novos, que ficaram aguardando na praça em frente à delegacia. Lá havia um documento pronto para que ela assinasse desistindo da terra. Ela se recusou. O curta aborda também a resistência das mulheres da comunidade a Dona Rosa, que não a aceitavam e olhavam com desconfiança. Além de Dona Rosa se reunir com os maridos das mulheres, ela ingressou no mercado de trabalho ao ir à feira vender sua farinha, algo que não era bem-visto, e entrou para o sindicato. Com o tempo, outras mulheres, percebendo que precisavam ajudar seus maridos, também passaram a trabalhar na feira.

O “memória camponesa” foi gravado nos dias 18 e 19 de outubro de 2004 no auditório Evaristo de Moraes no IFCS/UFRJ. O evento contou com lideranças camponesas do estado do Rio de Janeiro, entre elas Dona Rosa. Nesse vídeo, ela conta detalhes de quando ela despertou para a luta rural, ainda criança. Na época, seu pai tinha que fazer o roçado, tirar lenha para o patrão e depois plantar milho, feijão e outras plantas brancas. Ela relata que numa dessas vezes que ele plantou milho e junto com seus filhos limpou todo o capim do milho, deu uma forte chuva. No dia seguinte, tiveram que plantar capim para o boi do patrão dentro do milho que haviam terminado de limpar no dia anterior. Rosa resolveu que não plantaria capim e disse isso a suas irmãs. Seu pai, um homem carinhoso, que nunca havia batido nos filhos, ameaçou lhe dar uma surra caso não plantasse capim. Ela disse que levaria a surra,



mas não plantaria capim e, enquanto suas irmãs plantavam, Rosa os arrancava. Seu pai, ao ver a cena, pegou a enxada e suas ferramentas e chamou as filhas para irem embora. Ele disse que Rosa o havia dado uma lição e que nunca mais plantaria capim na roça de fazendeiro. Essa foi a primeira vitória de Dona Rosa, que depois desse episódio nunca mais parou de lutar.

Na seção E.M. Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira, o foco do site é a escola quilombola, na forma de material pedagógico, planos de aula das professoras, atividades e projetos da unidade escolar. Nela, coloquei o samba-enredo da escola de samba Paz e Harmonia de Cabo Frio.

Ainda na seção “material pedagógico”, consta o caldo quilombola, um prato criado por Claudineia dos Santos e que faz parte do livro "Cozinha dos Quilombos". Outra fonte muito utilizada pelos professores(as) são as tradições orais da comunidade. Não menos importantes são o alfabeto quilombola e o calendário quilombola.

As atividades da subseção “atividades e os textos: suportes para uso em sala de aula” foram criadas por mim diante das demandas apresentadas pelos professores. Já os planos de aula foram produzidos pelas professoras da escola em diálogo com o trabalho.

A seção “acervo” traz alguns documentos importantes, como a certidão de auto-reconhecimento, e, na seção legislação, leis importantes para a Educação Quilombola e o Ensino das relações étnico-raciais.

A seção de biografia contém as histórias de Dona Rosa Geralda da Silveira, Sr. João dos Santos e Dona Almerinda Eulália Conceição dos Santos, feitas por outros pesquisadores. Já as biografias de Jaqueline Emília Pereira Teixeira, Maria das Graças dos Santos, Sara dos Santos e Wagner Muniz foram feitas por mim em entrevista por *whatsapp*.

A ideia foi reunir trajetórias de vida de quilombolas de várias gerações, inclusive a da professora Jaqueline Emília, que, apesar de não ter nascido na comunidade, casou-se com um quilombola e teve filhos com ele. Além disso, é uma defensora do resgate da história dos quilombos de Botafogo (Cabo Frio) e da Caveira (São Pedro da Aldeia). Ela é militante do movimento negro e recebe muitos pesquisadores em sua casa, inclusive foi através dela que tive acesso a vários anciãos. No censo de 2022, pela primeira vez os quilombolas foram inseridos através das perguntas: Você

se considera quilombola? Qual o nome da sua comunidade? Jaqueline se autodeclarou quilombola pelo seu sentimento de pertencimento a comunidade que vive e pela família que construiu.

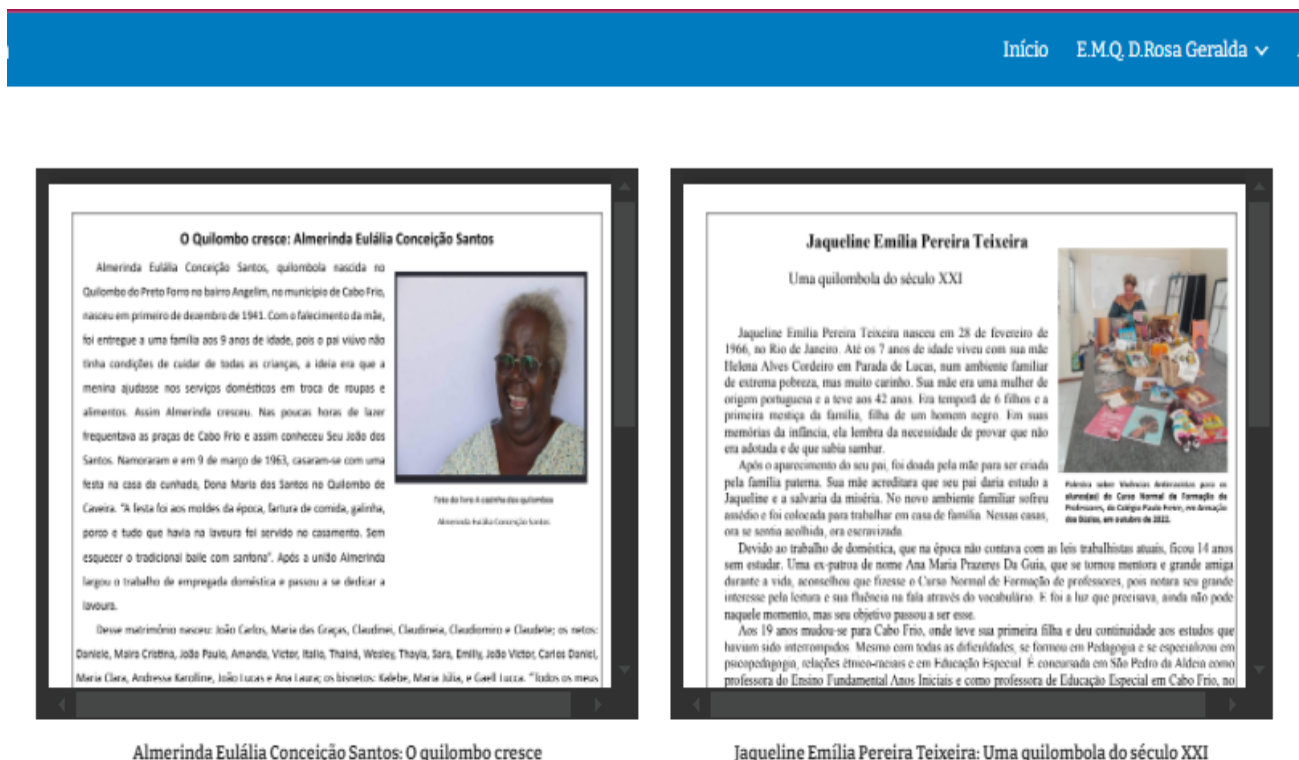
Considero muito relevante as biografias de Wagner Muniz e Sara dos Santos, dois jovens universitários com um forte orgulho de ser quilombola. Esses jovens mostram que as lutas continuam com novas “armas” e que ainda há muito o que conquistar.

Figura 37 - Biografias do site.



Fonte: Website Quilombo da Caveira, 2024.

**Figura 38 -** Biografias do site.



Almerinda Eulália Conceição Santos: O quilombo cresce

Jaqueline Emília Pereira Teixeira: Uma quilombola do século XXI

**Fonte:** Website Quilombo da Caveira, 2024.

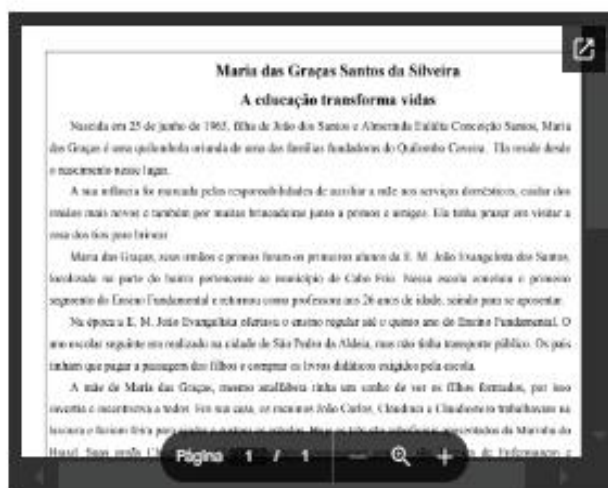
**Figura 39 -** Biografias do site.



Wagner Muniz: Da Caveira para o Mundo



Sara dos Santos: Trajetória de Empoderamento de uma Mulher Quilombola em Busca de Conhecimento.



Maria das Graças Santos da Silveira: A educação transforma vidas

**Fonte:** Website Quilombo da Caveira, 2024.

O uso de biografias é uma excelente ferramenta pedagógica para o ensino de história, ao dar nome e rosto a histórias que se contextualizam com a história local e do Brasil. Os estudos historiográficos no passado não favoreciam essas pesquisas, já que a história cultural era desvalorizada e os relatos individuais, as fontes orais e as biografias eram vistas com desconfiança pelos historiadores tradicionais. Duvidava-se da capacidade do uso das narrativas de vida para análise de uma coletividade.

A partir dos anos 1980, houve um resgate e uma valorização das memórias individuais e o uso da biografia para traçar trajetórias que, até então, ficaram à margem da História vista de cima. Nessa perspectiva, as biografias, além de ajudarem a

entender o contexto histórico em que a pessoa está inserida, dão nome e rosto a essa história.

Optei por priorizar no site biografias de mulheres, eixo temático do 1º trimestre da escola quilombola. O crescimento da história social também colaborou para que as mulheres tivessem suas histórias mais valorizadas, como afirma Scott (1992), no capítulo sobre a história das Mulheres,

A existência do campo relativamente novo da história social proporcionou um importante veículo para a história das mulheres; a associação de um novo tópico com um novo conjunto de abordagens enfatizou a reivindicação da importância, ou pelo menos, a legitimidade do estudo das mulheres. Apelando para algumas pré-concepções disciplinares sobre a análise científica desinteressada, ele, não obstante, pluralizou os objetos de investigação histórica, admitindo a grupos sociais como camponeses, operários, professores e escravos uma condição de sujeitos históricos [...] (Burke, 1992, p. 81).

É também na perspectiva da valorização da história das mulheres que é relevante analisar a história do Quilombo de Caveira, a partir da atuação de mulheres como Dona Rosa, que por causa de sua luta sindical foi perseguida nos anos de ditadura civil-militar e virou símbolo do Quilombo. Além da perseguição política, sofreu o machismo de uma sociedade patriarcal e a desconfiança dos moradores da própria comunidade.

Na página inicial do site, o visitante pode ler um dos poemas de Dona Rosa:

A luta rural  
nunca se encerra  
com a terra sem o homem  
com o homem sem terra  
nós vamos à luta  
com esse refrão  
queremos a terra  
para os nossos irmãos.

(Dona Rosa Geralda da Silveira)

Além de D. Rosa, outras mulheres desempenhavam importante papel na comunidade de Caveira, não apenas em relação à luta pela terra, mas também como símbolo de afeto e perseverança. A ressignificação do termo quilombo vem também acompanhada de uma valorização da atuação feminina nessas comunidades, o que antes era identificado numa perspectiva masculina.

Historicamente, até o início da década de 1990, a palavra "quilombo", atávica à experiência de Palmares, era identificada como um ato de resistência pensado nos termos da cultura masculina (guerra, violência, virilidade). Falar de quilombo significava tratar dos heróicos atos de homens como Zumbi dos Palmares, Ganga Zumba, Manoel Congo, entre outros. Em 1988, quando se estabeleceu na Constituição Federal o direito territorial dos chamados "remanescentes das comunidades de quilombos", a resistência quilombola era pensada, com raras exceções, por meio de uma perspectiva masculina e bélica. (Almeida, 2022, p. 30)

Na ótica da crítica a um modelo de educação eurocêntrico, cabe também refletir sobre a herança patriarcal de nossa sociedade, marcada por um grande sexismo, mascarado pela ideia de manutenção da "família tradicional", na qual as mulheres são o tempo todo subjugadas. A própria D. Rosa precisou enfrentar o machismo dos homens e a reprodução desse machismo por mulheres, para que pudesse desenvolver suas atividades, tidas como masculinas.

As mulheres de Caveira, em suas trajetórias, também representam a resistência, palavra que aparece frequentemente nos relatos. Independente das atividades exercidas (líder sindical, agricultora, dona de casa, artesã, comerciante, entre outras), essas mulheres são lembradas e referenciadas pela comunidade.

bell Hooks, em seu livro "Ensinando a Transgredir", ressalta a importância do uso das experiências como conhecimentos válidos no processo de aprendizado. Se as narrativas de vida dessas mulheres são reconhecidas pela comunidade, devem ser utilizadas como estratégias pedagógicas para a prática de uma Educação de empoderamento, além de uma educação antirracista e antissexista, ou seja, uma educação Crítico-cidadã.

As biografias disponibilizadas no site já têm sido utilizadas pelas professoras em suas aulas, como por exemplo, pelas professoras quilombolas Maria das Graças dos Santos e Gisele Dutra que as utilizaram em suas avaliações do 3º trimestre.

A questão abaixo elaborada pelas professoras utiliza a biografia do Sr. João dos Santos, escrita por Sandra R. Coleman e disponibilizada no site. Ela coloca entre aspas os relatos do Sr. João.

## AVALIAÇÃO DE HISTÓRIA / 4º ANO - 3º TRIMESTRE

**Figura 40** - Print da prova aplicada no 3º trimestre de 2023 na E.M.Q. Dona Rosa Geralda da Silveira.

COM BASE NOS ESTUDOS E EXPERIÊNCIAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA  
CAVEIRA LEIA O TEXTO ABAIXO E RESPONDA AS PERGUNTAS:

### O QUILOMBO VIVE: JOÃO DOS SANTOS

João dos santos nasceu em 17 de novembro de 1939 no **Quilombo de Caveira**, está localizada na área rural do município de São Pedro d'Aldeia, que fica 135 km da cidade do Rio de Janeiro e faz limite com os municípios de Iguaba Grande, Cabo Frio e Araruama. "o Quilombo tem esse nome porque no tempo da escravidão era nessa área que os corpos dos negros que não resistiam a dor eram jogados. Por um longo período após a abolição, os negros tinham o dever de trabalhar duas vezes por mês na fazenda Campos Novos para poder adquirir o direito do plantio. Sendo que só podia plantar planta branca: aipim (mandioca), batata-doce, inhame, taioba, quiabo, maxixe, banana, limão e hortaliças. Nada de plantas raizadas como laranja por exemplo, porque essas poderiam gerar indenização. Também podíamos criar porcos".

**SANDRA R. COLEMAN**



Sobre o texto, as professoras fizeram as seguintes perguntas:

- Sobre quem o texto está falando?
- Onde está localizado o quilombo caveira?
- O município de São Pedro faz limites com quais municípios?
- Por que o Quilombo Caveira tem esse nome?
- Qual era o dever do negro para ter o direito de plantio?
- Cite o nome de três alimentos que os negros, podiam plantar na fazenda campos novos.

## **AVALIAÇÃO DE RECUPERAÇÃO GEOGRAFIA / 4º ANO - 3º TRIMESTRE**

**Figura 41** - Print da prova de recuperação aplicada no 3º trimestre de 2023 na E.M.Q. Dona Rosa Geralda da Silveira.

### **Texto A Lavoura na Comunidades Quilombola Caveira**

Até a segunda metade da década de 1950, a maioria das famílias do quilombo da Caveira conseguia se sustentar com o trabalho na lavoura, cultivando milho, feijão e mandioca, complementado pela criação de pequenos animais, como galinhas, patos e porcos. “Quando não vendia aqui na área, a gente levava para comercializar em Cabo Frio”, conta o Sr. Glicério. “Enchia o jacá (cesto feito de bambu) e ia de cavalo comercializar em Cabo Frio. Não era feira, naquela época tratava quitanda. Era barraquinha, a gente negociava assim, vendendo o dia inteiro. Quando não vendia tudo, a gente deixava guardado lá para voltar no dia seguinte.”

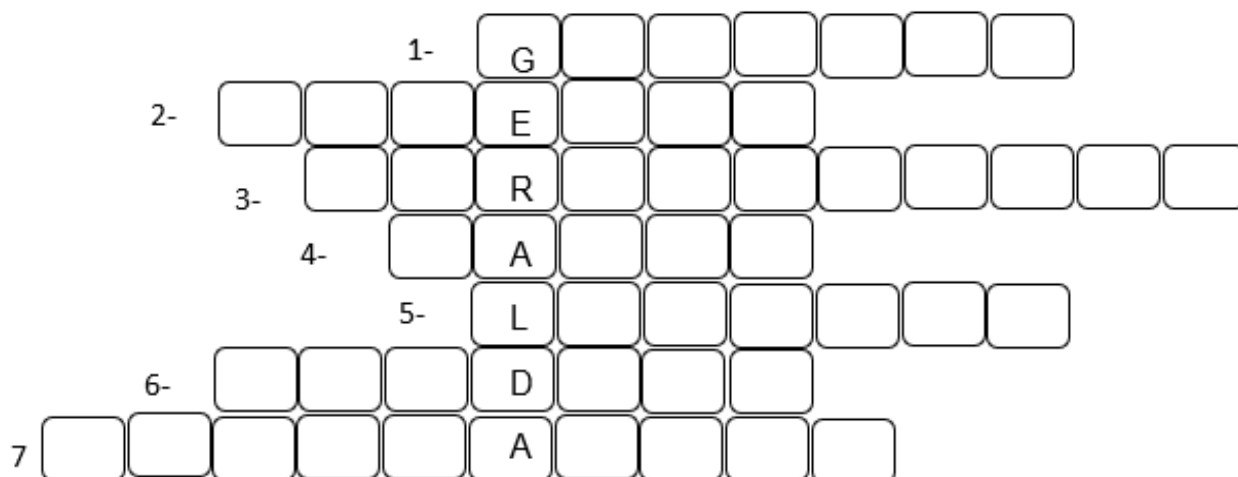
Depois disso, surgiram as feiras livres. As mercadorias passaram a ser levadas em carro alugado e os produtos iam para São Pedro da Aldeia, Cabo Frio e Arraial do Cabo. “As pessoas que trabalhavam na beira da praia com quiosques vinham à feira comprar nossas mercadorias”, diz o Sr. João, revelando a grande procura pelos produtos que vendiam. “As donas saíam de casa no fim de semana e iam à feira comprar essas mercadorias, porque eram fresquinhas.” Cost, Luciana Célia da Silva. Quilombo de Caveira, p. 9, Bep. 9, Belo Horizonte: NUQ/FAFICH: OJB/FAFICH, 2016.

O texto acima é do relatório antropológico da comunidade. Esse trecho foi retirado da coleção Terra de Quilombos, uma parceria entre INCRA, CGPCT e NEAD (MDA) e UFMG. Nessa coleção, os RTIDs foram sistematizados numa linguagem acessível na busca de difundir informações sobre as comunidades quilombolas.



**Figura 42** - Print da cruzadinha elaborada pela professora Gisele Dutra utilizando o texto acima que está disponibilizado no site, dentro da subseção atividades.

De acordo com o texto complete a cruzadinha



- 1- Criação de pequenos animais como sustento da maioria da família Quilombola.
- 2- O texto relata a história da comunidade Quilombola chamada...
- 3- As donas de casa no final de semana iam a feira comprar...
- 4- Como os moradores transportava suas mercadorias para vender em Cabo Frio?
- 5- A família Quilombola se sustentava com o trabalho da...
- 6- O que plantavam pra fazer a farinha?
- 7- As mercadorias passaram ser transportadas de carro alugado, foi quando surgiram as...

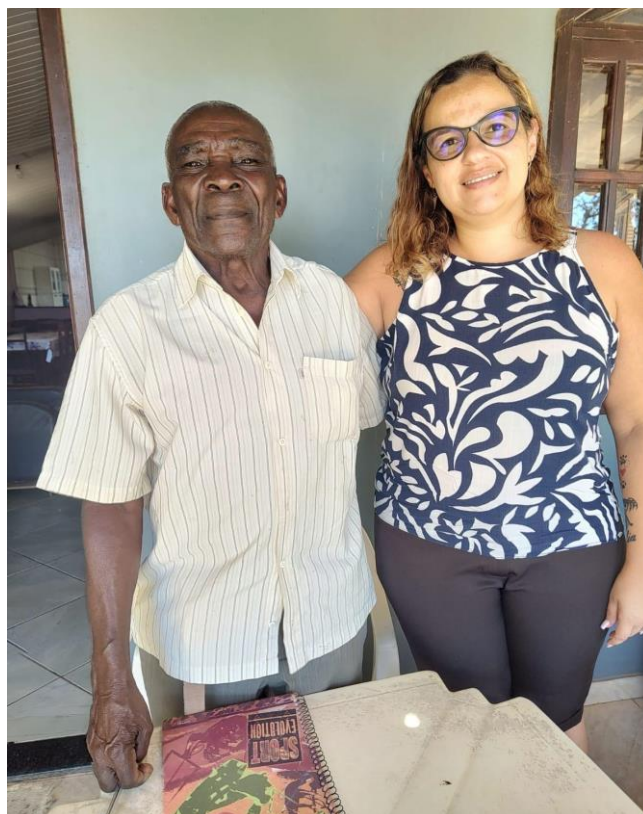
O uso desse material contido no site já demonstra um avanço e uma compreensão por parte das professoras de que um saber não precisa substituir outro. Digo isso, porque muitas falam que se forem trabalhar a história da comunidade não vão dar conta do ensino de Língua Portuguesa e Matemática. Nesses anos, tem sido um desafio mostrar que, ao contextualizar as atividades, elas já contemplarão a realidade histórica, social, cultural e econômica da comunidade.

Ao analisar os planejamentos semanalmente, constatei um excesso e repetição de fábulas, quando poderiam usar histórias reais e locais para atingirem o mesmo objetivo. Ver as professoras diversificando seu repertório é um sinal de mudança. A própria professora Maria das Graças disse que explorava pouco a história local e agora se apropria da história de sua família, trabalhando em sala de aula a biografia do seu pai.

Perguntei ao Sr. João dos Santos, numa visita realizada em 09 de novembro de 2023, como ele se sente em ver sua história sendo estudada na escola, e ele me respondeu:

Isso pra mim que andei 12 km a pé para São Mateus, ir e voltar em estrada de chão, hoje é asfalto[...]. Para mim é uma satisfação ver a escola funcionando e com a participação inclusive da minha família, é mais que honra. E a gente se coloca, no meu caso, a disposição para estar podendo ajudar em alguma coisa. Estou à disposição enquanto Deus me permitir para ajudar no que puder.<sup>39</sup>

**Figura 43** - Pesquisa de campo com gravação de vídeo, na casa do Sr João dos Santos, no dia 09 de novembro de 2023.



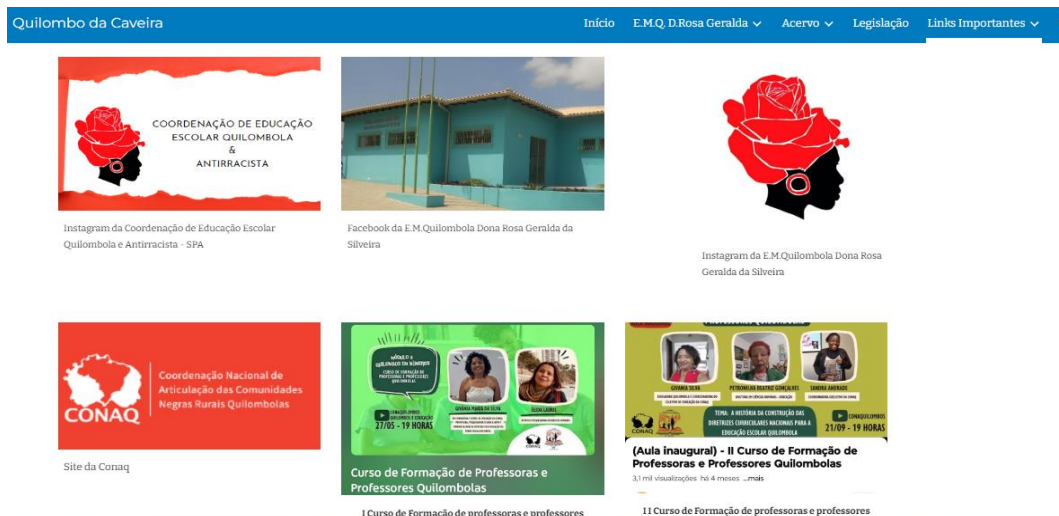
**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

Na seção “links importantes”, os visitantes poderão ter acesso às páginas do *Instagram* da nossa coordenação de Educação Escolar Quilombola e da escola. Também estão expostos o *Facebook* da escola, da Acquilerj e o site da Conaq e Koinonia. Considerei importante disponibilizar os links do *Youtube* das aulas do I e II Curso de Formação para Professoras e Professores Quilombolas, da Conaq, para ajudar a publicizar essa importante ferramenta.

---

<sup>39</sup> Depoimento do Sr. João dos Santos gravado em 09 de novembro de 2023.

**Figura 44** - Print da seção links.



**Fonte:** Website Quilombo da Caveira, 2024.

**Figura 45** - Subseção do I Curso de Formação de professoras e professores quilombolas.



**Fonte:** Website Quilombo da Caveira, 2024.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do debate sobre “a história única” parecer que já foi ultrapassado diante de uma gama de trabalhos acadêmicos e de materiais pedagógicos produzidos, ainda é um desafio a sua utilização e as estratégias que as escolas escolhem para trabalhar a questão étnico-racial.

É necessário trabalhar ao longo de todo o ano letivo atividades que tratem da África e da história do povo negro no Brasil numa perspectiva positiva, não só de denúncia da miséria e discriminações. É importante a realização de projetos significativos e de diferentes naturezas, com vistas à divulgação e estudo da participação dos africanos e de seus descendentes em episódios da história do Brasil, na construção econômica, social e cultural da nação, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística e de luta social.

No município de São Pedro da Aldeia, vemos há anos uma única história sendo contada e valorizada através dos seus patrimônios históricos, com exceção da casa da flor. Estes patrimônios homenageiam os colonizadores.

Indígenas, pescadores, salineiros e quilombolas são invisibilizados na arquitetura da cidade que exalta os resquícios da presença do europeu e da Igreja Católica. Muitas vezes eu me pergunto: onde estão essas pessoas? É lamentável que muitos munícipes e educadores da rede sequer saibam da existência de uma comunidade quilombola no município. Vislumbro um dia ver Dona Rosa homenageada na praça central da cidade.

Para o reconhecimento e a visibilidade dos povos tradicionais de São Pedro da Aldeia, mais especificamente da comunidade quilombola da caveira, é imprescindível que haja políticas públicas que garantam efetivamente a execução da Lei 11.645, que alterou a Lei 10.639, das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

A Educação Quilombola é primordial para o fortalecimento das comunidades e para o seu exercício de direito. Então podemos concluir que o apagamento dessas várias histórias pode ser também considerado um projeto político de dominação de minorias e até de extermínio, em muitos os casos.

É fundamental implementar de forma plena as DCN's quilombolas, ofertando aos professores uma formação adequada, como também garantir que a escola quilombola tenha funcionários quilombolas, o que pode ser possível com um concurso próprio, como o ocorrido no Quilombo de Conceição das Crioulas, no município de Salgueiro, em Pernambuco.

Outro caminho importante é garantir através do Ensino de História a valorização da memória coletiva e a trajetória de luta pela terra dessa comunidade. O direito de conhecer sua história é uma questão de (re) conhecimento, mas também de cidadania.

Diante da falta de materiais pedagógicos para a Educação Escolar Quilombola da E.M. Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira, elaborei o *website* [www.quilombocaveira.com](http://www.quilombocaveira.com), utilizando como uma das principais estratégias o uso de biografias de personalidades do Quilombo da Caveira. O *website* é uma forma de atingir um número maior de pessoas e democratizar o acesso às informações.

Essa ferramenta foi construída para que o usuário possa navegar com facilidade, conseguindo acessar por computador ou por celular. No caso do celular, o visitante pode marcar a opção “Para computador” dentro do menu no canto superior direito. Dessa forma, sua visualização será igual ao de um computador.

Na reunião de apreciação pública, realizada pelo *Google Meet* no dia 12 de dezembro de 2023, onde estiveram presentes 8 pessoas (professores, suporte pedagógico da escola, responsáveis de aluno e quilombolas), os participantes deram opiniões e sugestões para o site. Os presentes relataram a importância do site diante da falta de informação sobre a comunidade na internet e a relevância de terem um *website* compilando essas informações. Jandir dos Santos ainda chamou atenção para a importância de fazer a árvore genealógica das famílias.

No dia 18 de março de 2024, reuni-me com o Sr. Roberto dos Santos para entregar o currículo quilombola, a fim de que ele o analisasse. Ele então me disse que o desejo da comunidade é que não apenas Dona Rosa seja estudada na escola, mas sim todos os outros que deixaram sua marca na história do quilombo. Nesse momento, tive a certeza de que minha leitura dos anseios da comunidade foi acertada e que todo o esforço valeu a pena. Marcamos uma reunião com toda a comunidade para apreciação desse currículo no dia 25 de maio de 2024.

A presente dissertação teve o objetivo de contribuir para a construção da Educação Escolar Quilombola na E.M. Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira como forma de garantir cidadania e as ferramentas para que os alunos e alunas possam ocupar seu espaço na sociedade para além dos muros da escola.

Nesse processo de construção de uma pedagogia própria e de um currículo diferenciado, é imprescindível um olhar sensível para o professor(a). Por isso nossa preocupação com as formações de Educação quilombola e reuniões pedagógicas, onde eles podem falar e serem ouvidos. A metodologia de Educação quilombola e antirracista criada baseia-se em ouvir, escutar e deixar falar.

A Educação escolar quilombola é uma categoria recente e em disputa. Os municípios têm o dever de reconhecer o direito dessas comunidades a essa Educação e criar políticas públicas para que de fato ela aconteça, nem que para isso as comunidades precisem judicializar a questão. É direito a dignidade. É reparação histórica.

## FONTES

### **Diário de campo:**

#### **Relatórios**

Relatórios das reuniões pedagógicas, formações e rodas de conversa realizadas com os alunos entre 2021 e 2023 e arquivadas no drive institucional da Coordenação de Educação Escolar Quilombola;

Relatórios mensais enviados a Coordenação Geral de Políticas pedagógicas da Secretaria de Educação de São Pedro da Aldeia entre os anos de 2022 e 2023.

#### **Entrevistas em trabalho de campo**

Genil da Silveira Dutra, no dia 25 de junho de 2022.

Jaqueline Emília Pereira Teixeira, no dia 25 de junho de 2022.

Maria dos Santos, no dia 25 de junho de 2022.

Sr. João dos Santos, no dia 09 de novembro de 2023.

#### **Entrevistas por Whatsapp**

Jandir dos Santos, no dia 20 de novembro de 2023.

Jaqueline Emília Pereira Teixeira, dos dias 12 a 28 de dezembro de 2023.

Maria das Graças dos Santos, de 4 a 24 de janeiro de 2024.

Sara dos Santos, de 4 a 16 de janeiro de 2024.

Wagner Muniz, no dia 3 de junho de 2023.

#### **Documentários**

**A Conquista**, IPHAN - RJ, 2013. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=zA3YmZA\\_oWc](https://www.youtube.com/watch?v=zA3YmZA_oWc). Acesso em 07 mar. 2024.

**Memória Camponesa**. Videoteca Virtual Gregório Bezerra, 2015. Disponível em [https://youtu.be/WI9qeRYz7aM?si=qEHCOaAurr6\\_FeAp](https://youtu.be/WI9qeRYz7aM?si=qEHCOaAurr6_FeAp). Acesso em 07 mar. 2024.

**Memórias de São Pedro da Aldeia**. Emater, 1997. Disponível em <https://youtu.be/RheDXuyOfh4?si=MKkCDz4BWkSA5IYT>. Acesso em 07 mar. 2024.

**Rosa**. Realização Em La Barca Jornada Teatrais, 2022. Disponível em <https://youtu.be/1rvYwlchGms?si=a1nWeh3DNfDEEHq7>. Acesso em 07 mar. 2024.

**Rosa do Quilombo**, 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=POv5dfRSDgE&t=521s>.

### **Depoimentos**

SANTOS, Afonso dos. Depoimento. **Documentário Rosa do Quilombo**, 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=POv5dfRSDgE&t=521s>. Acesso em 07 mar. 2024.

SANTOS, Roberto dos. Depoimento. **Documentário Rosa do Quilombo**, 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=POv5dfRSDgE&t=521s>. Acesso em 07 mar. 2024.

SANTOS, Wallas da Silveira. Depoimento. **Documentário Rosa do Quilombo**, 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=POv5dfRSDgE&t=521s>. Acesso em 07 mar. 2024.

SILVEIRA, Francisco Joaquim da. Depoimento. **A Conquista**, 2013, IPHAN -RJ. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=zA3YmZA\\_oWc](https://www.youtube.com/watch?v=zA3YmZA_oWc). Acesso em 07 mar. 2024.

### **REFERÊNCIAS**

ABREU, Martha e MATTOS, Hebe. “**Em torno das Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana: uma conversa com historiadores**”. Estudos Históricos, 2008, vol.21, n.41, p. 5-20.

ACCIOLI, Nilma. **José Gonçalves da Silva à Nação Brasileira: o tráfico ilegal de escravos no antigo Cabo Frio**. Niterói: FUNARJ/Imprensa Oficial, 2012.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. FGV Editora, 2004.

ALBERTI, Verena. **Proposta de material didático para a história das relações étnico-raciais**. Revista História. Hoje, v. 1, nº 1, p. 61-88 – 2012.

ALMEIDA, Mariléa de. **Devir quilomba: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas**. São Paulo: Elefante, 2022.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é Racismo estrutural?** Youtube, 9 de jul.2017. Disponível em < <https://youtu.be/PD4Ew5DIGrU> > Acesso em 06 jul. 2023.



AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ARRUTI, J. M. P. A; FIGUEIREDO, A. V. de. **Processos cruzados: configurações da questão quilombola e o campo jurídico no Rio de Janeiro**. Boletim Informativo NUER, Florianópolis, v. 2, n. 2, 2005, p. 77-94.

ARRUTI, J.M. **Conceitos, normas e números: uma introdução à Educação Escolar Quilombola**. Revista Contemporânea de Educação, vol. 12, n. 23, jan/abr de 2017.

BARTH, Fredrik. **Etnicidade e o Conceito de Cultura**. Niterói, n.19, p. 15-30, 2. sem.2005.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRASIL. **Lei 10.639** de 9 de janeiro de 2003. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.

BRASIL. Parecer CNE/CEB nº 16/2012, aprovado em 5 de junho de 2012. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. Brasília, DF: MEC, 2012.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2015. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/BNCC-APRESENTACAO.pdf>. Acesso em: 02 mar. de 2024.

CAVALLEIRO, Eliane (Org.) **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

COSTA, Manuela Areias; Diacópulos, Jorge Ribeiro. **O Quilombo da Tia Eva na Web: Ensino de História e Educação Antirracista**. Revista. História Hoje, v.11, n.23, Julho/Dezembro, 2022.

COSTA, Luciana Célia da Silva. **Quilombo de Caveira**. Belo Horizonte: NUQ/FAFICH: OJB/FAFICH, 2016.

DIACÓPULOS, Jorge Ribeiro. **Comunidade quilombola tia Eva (Campo Grande/MS): memória, ensino de história e educação antirracista**. Dissertação (Mestrado Profissional) – Ensino de História – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2022.

DOMINGUES, Petrônio e GOMES, Flávio. **Histórias dos quilombos e memórias dos quilombolas no Brasil: Revisitando um diálogo ausente na Lei 10.639/03.** Revista da ABPN, v.5, n.11, jul.-out.2013, p.05-28.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; EUGÊNIO, Jonas Camargo. **Ensino de história e temas sensíveis: abordagens teórico-metodológicas.** Revista História Hoje, São Paulo, v. 7, n. 13, 2018, p. 139-159.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre Algumas Estratégias de Atuação** In: MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada / [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos.** Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.

GRINBERG, Keila; ALMEIDA, Anita. **Detetives do passado no mundo do futuro: divulgação científica, ensino de História e internet.** Revista História Hoje, v. 1, n. 1, 2012, p. 315-326

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

NAZARIO, Gessiane. **O desafio da mudança: Educação Quilombola e luta pela terra na comunidade quilombola Caveira do Rio de Janeiro.** Tese (doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

OLIVEIRA, SUELY NORONHA. **Diretrizes curriculares para a educação escolar quilombola: o caso da Bahia e o contexto nacional.** Dissertação (mestrado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta.** São Paulo: Letra e voz, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista.** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. História Pública: um desafio democrático aos historiadores. In: **Coleção História do Tempo Presente:** volume 2 / Tiago Siqueira Reis et al. organizadores. – Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

SÃO PEDRO DA ALDEIA, SEMED. **Resolução SEMED Nº 25,** de 26 de novembro de 2019.

SCOOT, Joan. **História das mulheres.** In: BURKE, Peter (Org.); tradução de Magda Lopes. *A escrita da história: novas perspectivas.* 7ª ed. São Paulo: Unesp, 1992. p. 63-96.

SHARPE, Jim. **A história vista por baixo.** In: BURKE, Peter (Org.); tradução de Magda Lopes. *A escrita da história: novas perspectivas,* 7ª ed.- São Paulo: Unesp, 1992. p. 39-62.

SILVA, Danilo Alves da. In: Fronza, Marcelo. **Ensino de História e internet: aprendizagens conectadas.** São Paulo: Paruna Editora, 2021.

SILVA, Givânia Maria da. **Educação e luta política no quilombo de Conceição das Crioulas.** 1.ed. Curitiba: Appris, 2016.

SOARES, D. G.; MAROUN, K.; SOARES, A. J. G. **A construção social de uma escola quilombola, a experiência da Comunidade Caveira, RJ.** Revista Brasileira de Educação, v. 27, p. 1-23, 2022.

SODRÉ, Muniz. **O Racismo é estrutural?** Youtube, 7 de jun.2023. Disponível em < <https://www.youtube.com/live/IyUvgdrWiDk?feature=share>>. Acesso em 05 jul. 2023.

YABETA, Daniela. A escola quilombola da Caveira e outros casos: Notas de pesquisa sobre Educação e comunidades negras rurais no Rio de Janeiro (2013-2015). In: MATTOS, Hebe (Org.). **História oral e comunidade: Reparações e culturas negras.** São Paulo: Letra e Voz, 2016.